

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

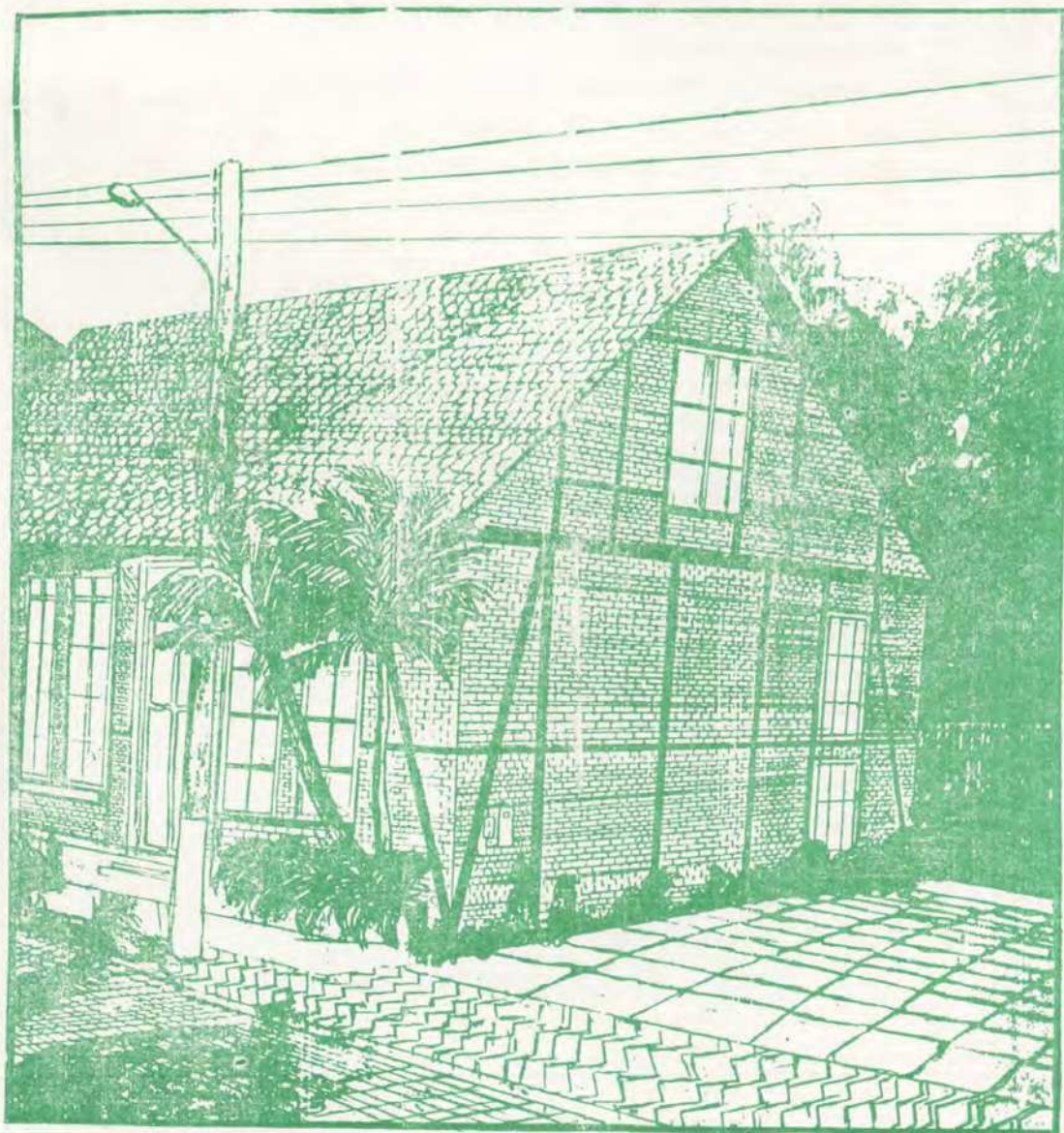
Nov/Dez. de 1991

Nº. 11/12

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Bretkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Nov/Dez de 1991

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

Dr. Hermann Blumenau sua vida e obra	322
Ucranianos: Dupla Comemoração - Maria do Carmo R.K. Goulart	334
Reminiscências Históricas - Atilio Zonta	337
Romancistas "Alemães" Catarinenses (2) - Prof ^o . Valburga Huber	338
100 anos da restauração da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil	342
"Blumenau em Cadernos" é destaque na revista da Sociedade Bra- sileira de Pesquisa Histórica - de Curitiba	346
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio ..	347
Terenos - Hermes Justino Patrianova	350
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IV) - Pe. Antônio Francisco Bohn	351
Subsídios Históricos - Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff	358
A família Rachadel em Santa Catarina	367
Reminiscências — mais um pouco do passado	373
Aconteceu - Outubro de 1991 ..	376
História, Fatos e Comentários - W. J. Wandall	380

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 10.000,00

Numero avulso Cr\$ 500,00 — Atrasado Cr\$ 800,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 15.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — SANTA CATARINA — B R A S I L

DR. HERMANN BLUMENAU

SUA VIDA E OBRA

Texto do discurso feito em 8 de fevereiro de 1991, por Jutta Blumenau Niesel, bisneta de Hermann Bruno Otto Blumenau; por ocasião da inauguração da Sala "Hermann Blumenau", em Hasselfelde, local de nascimento do Dr. Blumenau.

"Muitos de vocês hoje compareceram aqui não somente para ouvir datas e números, que se referem a acontecimentos históricos distantes.

Isto poderá ser encontrado na literatura que exista referente a Hermann Blumenau.

Hoje, na qualidade de bisneta, quero falar sobre acontecimentos escolhidos, da vida de Blumenau.

Quero antes, destacar algo atual em Hasselfelde.

Com grande alegria, soube que a lembrança do fundador de Blumenau, em sua cidade de nascimento, está novamente sendo cultivada. As placas na coluna comemorativa da Estação Ferroviária, e na casa de nascimento, falam por si e, o interesse anteriormente estagnado, ainda existe. Uma instalação, correspondente ao interesse da nova "sala-Blumenau" talvez ainda precise de algum tempo de desenvolvimento e gastos.

Penso poder ajudar ao "Hartzclub" e com isto Hasselfelde. Nos objetos aqui expostos, pode-se ver uma parte do material existente e hoje, além dos documentos e retratos da propriedade do meu bisavô, trouxe alguns objetos.

Em anexo a este discurso,

entregarei ao Hartzclub algumas cópias de documentos e retratos da propriedade do meu bisavô.

A irmã mais velha de Hermann Blumenau, Emilie, cujos filhos Victor e Reinhold mais tarde colaboraram ativamente na colonização, era 18 anos mais velha que Hermann. Todos os filhos de Karl Friedrich Blumenau, pai do fundador da cidade, nasceram em Hasselfelde.

Hermann Blumenau nasceu em 26 de dezembro de 1819. Depois de ter alcançado a idade escolar, frequentou aqui a escola pública, até seu décimo ano de idade.

Focalizemos um pouco a infância de "Männchen" como a mãe o chamava. Aquela casa acolhedora na "BreitenStrasse", onde a criança crescia sob carinhoso cuidado, quando o homem feito sempre gostava de voltar, e cuja atmosfera, mais tarde, citava em suas cartas:

"Que meu quarto agora está vazio e quieto, eu acredito, pois nas últimas semanas fiz muito barulho. Muitas vezes, quando quero me concentrar um pouco, tenho saudades de lá! Era tão bom trabalhar lá! Eram dias bonitos! Mas queira Deus, eu volte mais uma vez a morar nele, e

então, conversaremos sobre o que de novo aconteceu”.

Em verdade, seu profundo amor pela mãe, no decorrer de sua vida, lhe foi decisivo e lhe deu energias positivas — pois uma vez chegou às portas do suicídio.

Aqui, mais um trecho de uma carta que descreve o bom relacionamento com a mãe:

“Se você soubesse como penso em ti! Não passa um só dia em que não me recordo em especial de teu amor, teus cuidados de mãe, e se você pudesse me responder, quanto gostaria de falar-lhe! ..

“Especialmente em alto mar, quando estava doente, deitado no convés, ou em meu camarote mal cheiroso, durante horas conversava contigo e muitas vezes saudoso, me lembrava de casa. Como era tudo bonito e alegre! Como você, carinhosamente, cuidava de mim e como agora, a tantas milhas, estamos separados...

E pensava nos meus em Hasselfelde, nas salas limpas e alegres, em Ottenhausen, Biesenrode e Braunschweig, onde talvez estivessem, e em todos os cantos dos meus pensamentos teu carinhoso rosto surgia e teu olho materno me encarava.”

O pai, em casa, era um verdadeiro tirano, que pouco valor dava ao seu filho mais moço e muitas vezes dificultava a vida da mãe.

“Como gostaria de ficar sempre perto de ti, nas proximidades de teus olhos! Como gostaria de consolá-la e alegrá-la, quando o temperamento taciturno do pai, atormentar tua vida”.

Assim, Hermann Blumenau

escreveu para a mãe em janeiro de 1850.

O pai era guarda florestal do condado de Braunschweig. Fornecia às fundições a madeira necessária e tinha toda a carvoaria sob suas ordens.

A grande preocupação de ser ridicularizado e rejeitado não abandonou Hermann Blumenau até a morte do pai em 1850. Sempre justificava sua partida e seu trabalho, que ele entendia como uma predestinação.

“Eu não parti levemente. Mesmo que muitas vezes parecesse que ia partir o coração e, mais tarde, com saudades, pensava em vocês, que estavam tão distantes. Tinha que ser assim. Uma voz interna muito forte me chamava, para resistir a ela. E eu tinha propósitos honestos, não era por ganância ao dinheiro, e assim, deixei a pátria querida”.

Com todo cuidado explicava tudo à mãe. Menos acessível era para com o pai.

“Anexo ainda uma carta que talvez te alegre ao ler e que o pai também poderia ler, se ele não risse de mim, o que me ofenderia muito”.

O pai, Karl Friedrich, tirou seu filho, apesar de excelente estudioso, também na área artística, antes das provas finais, do Liceu Martino-Katarinem, de Braunschweig.

Estudo e talento, documentados em excelentes boletins, possibilitaram a Hermann Blumenau, após seu aprendizado de farmacêutico em Blankenburg e Erfurt, mesmo sem um exame, conseguir uma vaga na Universidade de Erlangen.

“O aprendizado de farmacêutico era, naquele tempo, duro e

pouco convidativo. Os aprendizes quando não mais limpavam as botas do "chefe", recebiam só um domingo livre de forma alternada e isto só no verão. Somente durante a coleta botânica podiam esticar mais ou menos as pernas. Às vezes eram explorados acima de suas forças, como peões. Com Hampe (Blankenburg) que tinha um comércio bastante significativo de ervas medicinais secas, extratos, etc., no início da primavera tivemos que trabalhar das 4 horas da manhã até às 11 horas da noite e, no inverno, alternadamente todo dia, para escolher musgo da Islândia".

Mas mesmo assim fez bem a mim e aos outros, que tivessem um pouco de força de vontade. Aprendia-se a trabalhar muito, ser ativo, fortalecer-se, sujar as mãos, etc., e também a parte científica não foi negligenciada. Abrangia naquele tempo, como hoje, muitas áreas, de forma que ofereciam um enorme campo aos estudiosos, e dedicados de acordo com seu trabalho, tendência e capacidade".

Depois do estudo das ciências naturais, com base mais forte na química, Blumenau se promoveu após um ano e sete meses, com o Dr. Phil., com "summa cum laude". (Uma excelente classificação).

Paralelo ao seu estudo acadêmico, provavelmente já desde seu tempo de aprendizado em Erfurt, o jovem cientista se envolveu com o tema da imigração de alemães para além mar. Mas sobre isto falaremos mais tarde.

Voltemos ao tempo do trabalho prático na área da farmacologia. Em menos de um ano, de

maio de 1840 até abril de 1841, Hermann Blumenau trabalhou aqui na farmácia local. Já não era mais aprendiz e tinha a responsabilidade de farmacêutico.

Seria justo que, esta farmácia, em vista do reavivamento da lembrança do "grande filho de Hasselfelde", recebesse seu nome.

Erfurt onde Hermann Blumenau concluiu seu aprendizado, tornara-se, na primeira parte do século XIX um centro farmacêutico.

Na famosa "Schwanenapotheke" (Farmácia dos Cisnes) do professor Trommsdorf, não se comprava somente medicamentos.

Este lugar era o centro do mundo científico naturalista. Cientistas, pesquisadores e professores da Universidade ali se encontravam, e também o jovem Hermann Blumenau.

Nesta farmácia, mais tarde, frequentavam os patrocinadores de Blumenau, entre os quais Justus v. Liebig, que descobrira a acubação mineral e — Liebig's Fleischextrakt — (O extrato de carne Liebig), pois Liebig desenvolvera uma fórmula para obtenção do mesmo.

Um outro famoso patrocinador do jovem Hermann Blumenau em Erfurt, foi Alexander v. Humboldt, cientista que nós hoje, ao contrário do seu irmão Wilhelm, que fundou a Universidade de Berlim "Unter den Linden", chamamos de "Humboldt Viajante". Ele, já naquele tempo um senhor idoso, foi quem reconheceu o talento de Blumenau e o promovia, o que mais tarde deveria abrir as portas para personalidades influ-

entes tanto na Alemanha como no exterior.

Blumenau baseava-se, no seu trabalho, energia, talento, intelectualidade e praticidade. Mas com isto não estava só. Era um elemento libertador. Hermann Blumenau era decididamente capaz de um grande entusiasmo e cheio de temperamento. "Todo chama e fogo", como um famoso cientista da ciência natural, Martius, em München, repassou ao cônsul geral brasileiro na Prússia, Jakob Sturz. Este homem influenciou decididamente Hermann Blumenau na execução de seus planos e por iniciativa de Sturz, Blumenau finalmente decidiu pelo Brasil.

E Blumenau, ao contrário de muitos de seus contemporâneos, não se aproveitou, na colonização, de vantagens pessoais.

O que possuía de dinheiro, e o que recebia também de heranças pessoais, fluíam para dentro do empreendimento colonizador, que ele, a partir de 1850, devido contribuições faltosas dos governos, dirigia como empreendimento particular.

A herança considerável que recebeu após a morte dos pais, ele investiu para a aquisição de uma serraria particular, a fim de continuar a instalação de imigrantes e a construção da colônia.

O prêmio da Feira Mundial em Paris, em 1867, no valor de 10.000 Francos, foi empregado na construção de escolas da Colônia. Já a partir de 1859, Blumenau foi alvo de várias homenagens. Ele preferia dinheiro a medalhas. Ficava zangado e até irritado, quando se tratava só de uma medalha, dizendo que em vez desta "fitinha", uma soma

em dinheiro teria sido melhor para o auxílio à Colônia.

É possível constatar que a impulsividade de Blumenau, às vezes, era maior do que suas aptidões diplomáticas e sua oratória. Em uma carta a seu pai, ele se desculpa e faz ver que, apesar de tudo, ele é confiável na causa.

Mas eu, mais uma vez me adiantei muito. Voltemos àquele tempo de espírito aventureiro, que devia ser satisfeito no mundo da saudade romântica que — como dissemos — já estava fundamentada, quando Blumenau já estava na metade dos vinte anos, e tinha então exatos conhecimentos e concepções.

Cerca de vinte anos tinha Blumenau, quando fez os primeiros reconhecimentos no Brasil.

Naquele tempo estava cheio de força e disposição.

Quando as dificuldades se tornaram grandes e ameaçavam destruir o seu projeto, Blumenau estava entre os 30 e 40 anos, isto é, ainda inabalável, psiquicamente e fisicamente. Quando o colonizador alcançou idade na qual as forças começaram a ceder, ele tinha conseguido quase tudo o que estava nos moldes de suas possibilidades.

Talvez tivesse, em sua idade jovem, o motivo de que, apesar das imensas dificuldades, fosse possível realizar sua idéia, mesmo com restrições.

Mas porque as chances e possibilidades de Hermann Blumenau, na luta pela realização de seu plano colonizador, tornaram-se menores, e necessário uma explanação. Como, de casa, não dispunha de um respaldo financeiro, ele, realizou expedições financiadas pela Sociedade Ham-

burguesa de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil.

Mas esta sociedade se dissolveu em 1848. Os ricos financiadores, comerciantes de Hamburgo, pararam com o financiamento e o Dr. Blumenau se encontrou sem meios. Como ele realmente acreditava que a sociedade trabalhava para a proteção dos imigrantes e não só para o lucro próprio, não entendia o que havia acontecido.

Mas de maneira nenhuma o colonizador pensava desistir de seu plano. Assim resolveu, por risco próprio, continuar com o empreendimento. Esta resolução foi decisiva.

Relações com o governo brasileiro, e muitas pessoas importantes no Rio de Janeiro, já existiam, baseadas nas boas recomendações da Alemanha.

Aqui se ampliaram os esforços de Blumenau para conseguir apoio.

Mas, como em muitos lugares no mundo, também aqui havia inimigos: nacionalistas, adversários do plano de colonização. Muitos que diziam pretender auxiliar o Dr. Blumenau, não estavam sendo sinceros. Prometiam, mas suas propostas escritas simplesmente congelavam.

O fato é que todo o empreendimento sempre era adiado, até o limite da ruína, sendo que os responsáveis eram os funcionários, pela sua corrupção.

Certamente os senhores não desconhecem que a pobreza do povo brasileiro seria bem menor, se um exército de corruptos "servidores do Estado" não enriquecessem vergonhosamente.

Assim era também naquele

tempo, quando o jovem, levado pelos seus ideais, veio ao Brasil. Ele de um lado, não tinha dinheiro para "subornar"; de outro lado, desprezava profundamente a corrupção.

Para isto cito alguns exemplos de cartas:

"Eu fiz junto ao governo uma proposta em relação à colonização. Fui bem recebido pelos ministros que me deram esperanças, de que minhas propostas eram as mais vantajosas até agora, e que talvez as aceitassem. Isto soa bem, mas não se pode confiar muito, porque aqui se promete de tudo, e nada se cumpre.

Mas os senhores desperdiçam muitas palavras bonitas e depois não fazem nada.

"O que acontece aqui, nem se imagina na Europa. Patifarias, baixezas e tolices são tantas que o recém vindo fica de cabelos em pé, enquanto o brasileiro ri ou simplesmente sacode os ombros, como, por exemplo o Ministro acusa a um conselheiro que foi ministro e agora é senador, numa assembléia pública, de fazer notas de banco falsas, por 100.000 Thaler!!!

"...Mas mesmo assim continuará a ser um país maravilhoso. Só falta uma coisa: — um governo sensato que seja fiel e não como hoje que, entre seus funcionários conta na maioria, com ladrões e patifes."

Aqui se verifica claramente que às vezes um passageiro colapso de sua confiança e desespero, parecia apossar-se dele. Já em 1846, o Dr. Blumenau estava convencido, que a imigração de alemães — era aproveitada com o objetivo de enriquecimento pessoal.

Um exemplo:

A Cia de Navegação "Deirue e Cia", de Dünkirchen através de desonestas convocações e apresentação de fatos falsos sobre as condições de vida no Brasil, embarcavam alemães para o Rio de Janeiro. Para cada recém vindo ao Brasil a Cia de Navegação recebia uma importância per capita. E estas Cias sem qualquer cuidado, tentavam embarcar as pessoas para o Brasil, por causa do prêmio.

A proposta do Dr. Blumenau para o governo brasileiro, tinha o seguinte teor: Acabar com o pagamento para as companhias de transporte.

— Também neste tempo enriqueceram-se a "Hapag" e o "Norddeutscher Loyd".

Para o círculo de desonesta convocação, cita-se uma passagem de uma carta do Dr. Blumenau:

"... pois aqui no Rio de Janeiro, reina entre os pobres alemães uma terrível miséria. As pessoas trabalham em Petrópolis para o governo, mas há oito semanas não recebem um vintém e estão quase morrendo de fome. Além disto, mesmo que recebam ordenado, são enganados pelos funcionários. Falei com algumas pessoas que foram convocadas pela casa "Dalrue e Cia" em Dünkirchen, as quais também foram exploradas e quase chorei com a miséria deles.

E todos os estrangeiros que estavam em Petrópolis me confirmaram isto.

E ainda continuam vindo navios com estes infelizes, vendidos, e o super caloteiro se vangloria de ter fornecido cerca de 30.000 em seis anos.

Logo que posso, irei a Petrópolis, para informar-me melhor e depois enviar um relatório a este respeito para a Alemanha.

A posição do Dr. Blumenau para a proteção dos voluntários imigrantes alemães, também em sua pátria, muitas vezes encontrou oposição. A Prússia, por motivos óbvios, não gostava de apoiar a imigração de seus moradores.

Durante sua viagem de pesquisa pelo Sul do Brasil, nos anos de 1846 até 1848, coletou incalculáveis experiências sobre a terra e pessoas. Teve que aprender rapidamente o idioma português, por ser necessário e natural.

Blumenau, depois de sua colaboração num grande trabalho sobre imigração e colonização do ano 1846 continuou, até seus últimos anos de vida, enviando requerimentos, relatórios e solicitação ao governo brasileiro e ao governo da Alemanha, além de proferir conferencias.

Sobre os poucos sucessos, já me referi em outro lugar.

Todos os esforços para uma colonização alemã, fomentada pelo governo brasileiro, foram inúteis e em profundo desespero Hermann Blumenau escreveu em 1848 a seus pais:

"Aqui estou profundamente humilhado junto à sepultura, de minhas esperanças e planos...

O assunto não foi aceito na Câmara local por intrigas e porque não tenho dinheiro..."

Mas Hermann Blumenau, não desistiu. Ele não largava mão, e, justamente esta força o distinguia de seus conterrâneos, com as mesmas intenções mas lhes faltava perseverança.

"... Mas eu não me desfaço

da coragem e esperança e me consolo, de que Roma também não foi construída em um dia, e perseverança já alcançou causas grandiosas."

E lembro:

"... tinha que ser assim, chamava-me uma forte voz interna e tenho propósitos honestos."

Em retrospectiva anota Blumenau mais tarde:

"Eu nem sempre estive deitado sobre rosas."

E nós acrescentamos mais alinhadamente:

Não, ele também passou muito tempo no tombadilho de navios, às vezes mercadores de almas. Uma viagem para o Rio de Janeiro, durava de dois a três meses, dependendo do vento e do tempo.

Cabines de passageiros, na concepção de hoje não existiam. Viajava-se em cargueiros, navios mercantes, às vezes mal equipados e em geral com uma tripulação sem qualquer consideração.

Dr. Blumenau escrevia muito claro o que acontecia em suas viagens — no início cheio de otimismo, apesar de alguns contratempos.

"Nós, saímos de Hamburgo e estávamos 80 dias em viagem; de Cuxhaven até aqui (Rio Grande do Sul) precisamos 74 dias.

Tempestades tivemos várias vezes. Uma que durou cerca de 30 horas, não foi de todo mal e suas enormes ondas arrancaram uma parte da amurada. Mas felizmente não tivemos nenhuma desgraça, apesar de contratempos, principalmente entre os passageiros."

Com ele seguiu com passa-

geiro, um jovem comerciante de Hamburgo, com o qual Blumenau teve que dividir o camarote.

"O comandante ... um sujeito nojento, um homem ordinário. Mesmo assim não era o pior entre os piores. Disto vocês podem concluir de que espécie eram a maioria dos comandantes."

O enjôo atacava Hermann Blumenau em cada viagem. O constante mal estar paralisava seu espírito. Também os passageiros muitas vezes tinham que defender-se dos marujos que tratavam-os brutalmente.

Como já disse, seus relatos, no início, eram cômicos e alegres, porém mais tarde, muitas vezes apareciam notificações catastróficas.

Neste local, cito um trecho do livro de Karl Fouquet: "Dr. Hermann Blumenau" (Federação dos Centros Culturais, 25 de julho, Brasil, 1979):

"A travessia com um veleiro era difícil e durava 84 dias. Na zona da "Calmaria" ao norte do Equador, o navio ficava praticamente parado por quatro semanas; a água potável acabava e era preciso economizar ao extremo. Depois seguiam-se tempestades e fortes chuvas. Todas as 18 mudas de árvores frutíferas que Dr. Blumenau trazia morreram e de 250 roseiras, secaram dois terços. Quando o veleiro, em 1850 chegou ao Rio com um mastro quebrado, onde grassava uma epidemia de febre amarela, os ânimos mais uma vez, desmoronaram.

O sonho de grande aventura — qual o jovem que não o sonhou — só raramente pode ser transformado em realidade.

No relatório seguinte talvez se vislumbre um sopro do mes-

mo. (Aqui segue um trecho maior de uma carta de Hermann Blumenau para seus pais, enviada de Desterro — atual Florianópolis em 21 de abril de 1848).

FOUQUET: pag. 123 — 126 com alguns cortes.

"Nos assim chamados "sete anos maus", de 1852 até 1859 quando Hermann Blumenau estava colonizando como particular, passou por todas as catástrofes internas e externas.

Para as catástrofes internas contavam, que não podia oferecer aquilo que desejava e o que era necessário para tornar mais ou menos suportável a nova vida aos imigrantes e isto porque não tinha o necessário auxílio do governo imperial. Os colonos vinham em número muito reduzido. Esta situação desencadeou as catástrofes que mais tarde atingiram todos os colonos.

Manter uma colônia particular com o auxílio de arrecadação própria — mesmo que modesta — quis dizer a Blumenau, possibilitar uma colonização.

Ele trabalhava depois que adquirira terras, com o seu sócio, na época, empresário particular. Finalmente pediu escola junto ao governo brasileiro para sua colônia.

Esta situação o abalava; ele sentia que seus planos ameaçavam submergir num caos.

"Eu vejo a Colônia como meu próprio filho. Como devo cuidá-la e protegê-la enquanto corpo e alma estão unidos. Um amigo fiel e participante, serei para todos aqueles que me brindam, com sua confiança e se unem a mim".

De acordo com um seu cola-

borador, ele passava fome por seus colonos.

"Tal sentimento e mesmo com os maiores cuidados com a escolha dos imigrantes, isto não impedia que lhe fossem mal agradecidos.

Quando nada mais podia dar, porque nada mais tinha, recebia como troco a ingratidão e blasfêmias. Aqueles que mais benefício concedeu, eles devolveram de forma grosseira; eles queriam viver bem e alguns trabalhavam com muita negligência.

Quando o procuravam desesperados, precisava encorajá-los.

Muitos o desiludiram, como sabemos, ao deixarem a Colônia. Até 1854 eram 67, de 309 moradores; ainda assim 22%. O que isto queria dizer: podê-se calcular, quando nos lembramos do que disseram os velhos colonos, que todos teriam "ido embora outra vez" se tivessem tido o dinheiro necessário.

(Karl Fouquet — pag. 50/51).

Blumenau sentia-se pessoalmente responsável por toda a miséria. Desespero e falta de esperança o levaram a decisão de fazer um ponto final por baixo da conta de tristeza e miséria, com o acionar de um dedo.

Ele não o fez e anotou:

"Enquanto eu tiver um só alento e um Real para gastar, ficarei no meu posto; com isto, vencerei ou morrerei. Mostrarei assim a meus amigos e protetores, como o governo imperial, que eles não se enganaram, quando confiaram em minha honestidade e meu entusiasmo e que não fui indigno de sua proteção e confiança, mesmo que uma má estrela me impeça de realizar tudo aquilo a que me propus.

Também houve ataques de índios nômades que se sentiam prejudicados pelos colonos. Eles matavam os colonos, feriam-nos gravemente, o que muitas vezes resultava em morte. Os índios roubavam o gado, destruíam casas e plantações."

Aqui ouvimos o próprio Hermann Blumenau:

"Dois colonos, recentemente chegados, dois pais de família, foram mortos pelos bugres em plena luz do dia. há poucos metros de seus ranchos.

O que eu vi quando cheguei ao local do infeliz acontecimento, foi o mais doloroso em toda minha vida.

Os corpos dos dois assassinados foram terrivelmente desfigurados por machadadas e as pobres viúvas, atiravam-se sobre os dois, e depois me injuriavam: Eu era culpado pela morte de seus maridos, por persuadi-los a vir para uma terra tão selvagem, onde se corria perigo de vida. Exigiram de mim pão para si e seus pobres filhos. — Deus me guarde em sua bondade, para não mais assistir semelhante cena".

Os colonos produziram muitos alimentos com a criação de animais e a caça. O prato nacional, a feijoada, que ainda hoje é a alimentação dos pobres, era muitas vezes a base de muitas refeições.

Mas antes que o solo pudesse ser cultivado, era preciso queimar a floresta inóspita. Cortar gigantes da floresta com uma serra de mão certamente exigia força. Das árvores derrubadas, eram serradas tábuas e usadas para a construção dos primeiros ranchos.

As grandes quantidades de sementes, também colméias, que

Dr. Blumenau trazia de suas viagens à Europa, se perdiam ou eram roubadas, ou então secavam. Mas mesmo assim muita coisa do "Velho Mundo" encontrou seu caminho para este estranho e ameaçador mundo. Ainda hoje, nos jardins de Blumenau e vizinhança, florescem rosas alemãs, trazidas por meu bisavô, todos os anos.

Hermann Blumenau, vivia muito simples e era trabalhador, como seus colonos.

O pouco tempo de descanso dedicava ao seu jardim, que instalara e cuidava com muito amor e carinho.

Além das plantas úteis, eram arbustos, flores e diversas espécies de palmeiras, aos quais dedicava sua atenção. O jardim, que muito significava para o solteiro, foi destruído totalmente em 1855 por uma enchente do Rio Itajaí.

"... Quando do mar apareceu uma tempestade e uma violenta chuva começou a cair, que só parou após três dias. Num espaço de quase 36 horas, o Itajaí subiu 14m, arrastando margens, destruindo plantações e jardins."

Uma das minhas casas na qual vivia meu contador e meu jardineiro, e que fora erguida num local muito bonito, foi arrastada pelo elemento em fúria, com tudo que estava dentro: livros, instrumentos, mercadorias e outros objetos de valor, além de muitas lembranças que me eram caras.

Nada foi salvo da casa, a não ser algumas ferramentas pesadas e com sorte toda especial, uma vasilha de ferro, que continha pouco dinheiro, e todos meus papéis de terras..

A casa encontrava-se em meu jardim, que desapareceu quase todo, e com ele perdi o único descanso que me permitia e que dava prazer, já que vivo tão econômico e com avareza para não gastar demais e ter disponível os meios necessários para continuar meu empreendimento.

Grandes enchentes com muitos prejuízos, caíram sobre a Colônia várias vezes (1855 — 1868 — 1880)."

Até hoje as águas do Itajaí causam prejuízos. Mas atualmente graças a modernos meios de informação já se pode ajudar rápida e efetivamente, como aconteceu numa enchente mais recente.

Com os anos, aos poucos penetrou nos lugares públicos, a grande força humana do Dr. Blumenau, seu trabalho, sua honradez.

A partir de 1859 galgou-se aos poucos a montanha. Neste ano nomeou-se o "Freie Deutsche Hochstift" em Frankfurt a. M. como membro de honra e mestre.

O nome de Hermann Blumenau foi registrado no "Livro de Honra do Povo Alemão", mas nada se podia comprar com isto.

Com uma mudança de presidente em Santa Catarina — (o anterior por anos fez muito para impedir o projeto colonizador) — aconteceu finalmente uma mudança no reconhecimento público.

A Colônia de Hermann Blumenau, foi oficialmente reconhecida como "a melhor administrada", cujo proprietário se dedicava visivelmente ao bem estar geral.

Mas só com elogios, Blumenau não pod'ia comprar nada e a situação financeira não melhora-

va. Mas a Colônia, a partir de agora passou a ser "um município brasileiro modelo". Com isso, o governo Imperial de D. Pedro II mostrou real interesse. De grandes dificuldades financeiras, o governo imperial salvou o Dr. Blumenau e seus colonos, ao comprar este município modelo.

Dr. Blumenau foi nomeado diretor e a partir de então recebia um ordenado do governo. Este fato aconteceu no ano de 1860.

Agora florescia a comunidade. O governo brasileiro investiu grandes somas para a continuidade do desenvolvimento.

O Dr. Blumenau podia empregar bons colaboradores, com bom ordenado e encontrou pessoas capacitadas.

Foram elaborados estatutos e formada uma administração. Foram construídas escolas, Igrejas, jardins de infância e um hospital.

Primeiro surgiu um jornal, depois vários.

Jornais mais conhecidos em Blumenau eram o "Blumenauer Zeitung" e o "Urwaldsbote". Alguns exemplares estão expostos aqui.

Como os colonos muitas vezes abatiam caça, nisto naturalmente mostrando rotina, foi criado primeiro um "Schützenverein". Hoje existem vários em Blumenau, que provavelmente surgiram desta tradição.

Eles se denominam de "Caça e Tiro" em homenagem aos tempos passados.

Só os conhecedores da história desta cidade sabem, que por trás disto não se escondem intenções bélicas, mas sim tradição da fundação da cidade.

Nos desfiles anuais de 2 de

setembro, data da fundação da cidade, desfilam homens com muitas medalhas de condecoração no peito, e que se apresentam orgulhosamente. Durante o decorrer do desenvolvimento surgiram ainda outras sociedades. Assim por exemplo a "Orquestra de Câmara de Blumenau", que é conhecida além das fronteiras da América do Sul; o centro Cultural 25 de Julho, onde são cultivadas danças típicas, usos e costumes.

O Imperador D. Pedro, após assumir a Colônia, deu a esta o nome de seu fundador: "Blumenau".

Com isto depois de nos antecedermos, voltamos outra vez ao ano de 1860.

A Colônia, naquela época, tinha exatamente 744 habitantes. Mas com seu reflorescimento, 20 anos depois, em 1880, já possuía 15.000.

Em 1884, quando Dr. Blumenau deixou para sempre sua cidade, já contava com 18.000 habitantes.

Agora ainda lhes darei algumas informações sobre a esfera particular do Dr. Blumenau.

Com 30 anos ele conheceu uma moça, filha de um oficial e provavelmente lhe ofereceu seu coração. Quem era esta jovem e de que cidade, não é conhecido.

Mas Blumenau depois do seu regresso do Brasil em 1849, esteve primeiro em Berlim, depois em Braunschweig, em Hamburgo e finalmente em Bad Lautenberg para a primeira estância de cura em toda sua vida. Isto é significativo!

Ele ali esperava obter cura, através do método da época de "sonomagnético" do seu mal dos ouvidos, que ele adquirira aos 12

anos de idade, depois de uma doença infecciosa.

Isto chama atenção, pois ele que contava toda moeda e só gastava para o mais necessário, de repente investia em sua própria pessoa.

Além do mais mandou naquele tempo confeccionar uma Daguerrotypie, isto é o que hoje chamamos fotografia. Esta fotografia mostrava um homem, confiante e atraente.

Infelizmente não mais existe o original. Uma cópia do mesmo também se encontra no Livro de FOUQUET (pag. 113).

Mas parece que a jovem ficou com medo da desconhecida distância e quando Dr. Blumenau chegou de retorno ao Brasil em meados de 1850, encontrou a carta na qual desfazia o compromisso. Isto parece que o afetou muito! Só no ano de 1867, portanto 17 anos mais tarde, Hermann Blumenau, casou em Hamburgo com Bertha Louise Repsold, filha de uma conceituada e rica família hanseática.

Ele, naquele tempo tinha 47 anos e ela 34!

Se olharmos a única foto dos dois, nota-se que a noiva era bastante simples. Bertha Blumenau, mostrou-se a esposa para ele.

Ainda em Hamburgo nasceu o filho Pedro Hermann, meu avô.

Em Blumenau nasceram duas filhas, 1870 e 1871: Christine e Gertrud. Em 1874 nascia um filho Otto, que faleceu depois de um ano.

Uma impressão da simplicidade da vida naquele tempo, nos transmite por exemplo a cozinha, que na série de retratos do "Museu Colonial" aqui é mostrado.

Muito agradáveis parece que

eram as noites passadas juntos, nas quais a mãe tocava no harmonio e cantavam.

Meu pai, neto do fundador, ainda o conheceu. Ele mais tarde pôde contar-nos algo do que ouvira de sua avó, sobre os primeiros tempos da Colônia.

A filha mais moça de Dr. Blumenau, Gertrud Sierich, viveu em Hamburgo até 1964. Ela, muitas vezes, falava sobre sua infância em Blumenau.

A filha Christina faleceu em 1938. Deixou um relatório muito bonito sobre a vida de seu pai.

A aparência do Dr. Blumenau, parece que era muito cativante. Era esbelto, magro e de estatura quase delgada. Muito expressivo eram seus olhos azuis.

No final ainda gostaria de relatar dois acontecimentos engraçados:

1) Uma perigosa enchente do Itajaí, em 1880, ameaçava outra vez a casa do Dr. Blumenau, de ser arrastada pelas águas. Preocupado, primeiro transportou a família e todos os objetos do térreo para o sótão, na esperança de que as águas baixassem. Mas isto não aconteceu e finalmente não restou outra alternativa sendo transferir-se para a "casa da direção". As crianças adoraram ir de canoa até a casa da direção e lá entrar diretamente pela janela.

2) Ao pé da escada para a residência, instalaram-se formigas, que, com rapidez incrível começaram sua obra destruidora. Estes insetos são capazes de roer uma construção e leva-la a ruir.

Blumenau, incumbiu um menino, mediante pagamento, para acabar com este mal. Armado com um martelo, esperou aos pés da escada até que tivesse "mar-

telado" o último inseto.

Para que o menino não ficasse exposto ao sol, Blumenau colocou sobre ele, um guarda-sol, pois o trabalho demorou um dia inteiro.

Os intensivos esforços do Dr. Blumenau de ali estabelecer uma sólida colonização, não foram coroados de pleno êxito.

Seu desejo de trazer para cá muitos imigrantes alemães, não se realizou. Eles foram em maior número para os Estados Unidos. Somente 350.000 alemães foram naquele tempo para o Brasil.

"Ele teria aumentado o número de empreendedores falidos, se em 1859 o governo imperial não o tivesse auxiliado. Mas, aqui não se tratava de uma felicidade merecida. Seus protetores no Rio de Janeiro sabiam que ele se distinguia dos outros colonizadores por habilidade, trabalho, honestidade e capacidade e que até o último se empenharia por sua idéia.

A hoje bem situada cidade de Blumenau, com 230.000 habitantes, ergueu em homenagem ao fundador em 1974, um Mausoléu.

Ali, além do "grande filho de Hasselfelde", descansam sua esposa Bertha, a filha Christina, seu filho Karl, falecido criança e desde 1990, seu neto Hermann, com sua esposa.

Se olharmos bem a obra de Hermann Blumenau, falecido em 1889, em Braunschweig, com todo direito podemos citar com Fouquet as palavras de Friedrich v. Schiller:

"No oceano navega com mil mastros o jovem calmo, salvo no barco, entra no porto o velho".

Trad. por Edith Sophia Eeimer

UCRANIANOS: DUPLA COMEMORAÇÃO

A Ucrânia localiza-se na Europa Ocidental e forma o território da atual República da Ucrânia. Até a data de sua independência, 24 de agosto de 1991, era conhecida como República Socialista Soviética da Ucrânia.

Tem uma superfície de 603.700 km², sendo a segunda em importância e em número de habitantes além de ser a mais rica república da União Soviética. Com uma população estimada em 52 milhões de habitantes, dos quais conta-se que 74% sejam verdadeiramente ucranianos, incluindo-se russos, judeus, poloneses e tártaros nos 26% restantes.

A capital da Ucrânia, Kiev, com 2,6 milhões de habitantes, é a terceira cidade mais importante da União Soviética, depois de Moscou e Leningrado.

Nas celebrações da religião católica existem dois ritos: o latino e o oriental. Dentro do oriental existem vários outros ritos, inclusive o ucraniano, ligado à Roma, que é a tradicional religião na Ucrânia.

Com terras ricas, produzindo em média 23% de colheita da URSS, o que corresponde a 32 milhões de hectares cultivados, a Ucrânia é igualmente produtiva em carvão fóssil, alcatrão, ferro e manganês.

Tanta riqueza no sub-solo e aflorando não foram suficientes, porém, para evitar que a agora mais rica das repúblicas soviéticas pudesse evitar o grande êxodo de filhos seus.

A própria história da Ucrânia é permeada de estóicas resistên-

cias que levaram o seu povo a um sofrimento contínuo. Em diversas ocasiões, vilas e cidades foram arrasadas e tiveram sua população dizimada.

Foi num desses momentos que o ucraniano, como outros povos europeus, emigrou. Tendo o mesmo objetivo de sair em busca de melhores condições de vida, animados por propagandas de agentes italianos e decididos a abandonarem a Pátria, começou o êxodo.

Um primeiro grupo de ucranianos, composto pela família André Moskalowski, (ele, mulher e 4 filhos), chegou em janeiro de 1891 ao interior do Paraná, (à Papanduva, que na época pertencia ao Pr. e, hoje pertence a SC), Estado que concentra 90% da imigração ucraniana no Brasil.

A construção de suas casas com tábuas lascadas, utilizando o pinheiro como madeira, é um símbolo da etnia em solo paranaense.

A história da imigração para o Brasil pode ser dividida em 4 etapas, a saber:

1º. — A corrida entre 1895 — 96, fins do século XIX. A princípio, sua localização deveria ser o Espírito Santo, a cujo clima não se adaptaram.

2º. — A partir de 1908. Com mão-de-obra recrutada para a construção da ferrovia Paraná-Santa Catarina-Rio Grande do Sul, aos trabalhadores foram ofertados: 1.200 réis, passagem grátis de navio, 10 alqueires de terra na região de Paulo Frontin — Dori-zon (Paraná) e área de terra a ser paga em pequenas prestações, me-

diante a garantia do próprio emprego na rede. Às margens da ferrovia que iam construindo, os ucranianos ajudaram a escrever a história de Ponta Grossa, Irati, Mallet, União da Vitória...

3ª. — Nos anos de 1914 — 45, entre a primeira e a segunda Guerra Mundial, quando aconteceu, a grosso modo, o forte da imigração: mais de 200 mil. Entre estes contavam-se operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos, soldados da primeira divisão ucraniana e de outras formações militares, haviam lutado contra os russos e deixaram a Ucrânia em direção ao continente americano. A ONU (Organização das Nações Unidas) tratou de sustentá-los materialmente e, como refugiados seguiram, em sua maior parte, para os Estados Unidos da América, Canadá e Argentina. O Brasil recebia-os na Região Sul — e se coloria mais e mais como azul royal (do céu) e o amarelo ouro (do trigo), numa metamorfose de cores e odores a se espalhar e tomar conta do espaço etnicamente já tão rico e multicolorido, a confundir matizes das próprias bandeiras: da Ucrânia e do Brasil.

4ª. — Os operários que a Alemanha havia recambiado para lá trabalharem durante a guerra foram, aos término desta, oprimidos pelos aliados ocidentais, os quais haviam se comprometido a repatriarem todos os cidadãos soviéticos. Em fins de 1945, com a abolição da cláusula (de repatriação obrigatória), os ucranianos tornaram-se novamente imigrantes. Fugitivos dos campos de concentração, perseguidos pelos nazistas, os ucranianos também sofreram muito, como os judeus.

Como o ucraniano se manteve quanto à sua identidade cultural? Tanto a Igreja Católica Apostólica Romana quanto a Igreja Ortodoxa conseguiram, através do ritual religioso, manter a unidade linguística dos ucranianos.

Vale ressaltar que “desde a Revolução Russa (1922) até hoje os ucranianos sempre tiveram dificuldades em assumir uma identidade. Nos tempos de Stalim, eram proibidos até falar outra língua que não fosse a russa e eram dispersados para regiões distantes da Ucrânia, evitando-se assim qualquer tipo de resistência ao estado russo. Tudo isso sufocou o povo ucraniano, que agora transforma a independência em grito ecoado em todo o país, trazendo de volta um passado censurado durante todo o comunismo”, segundo Mariano Czaikowski, presidente da Representação Central Ucraniano-Brasileira, em Curitiba. (Jornal A Gazeta 27/08/91).

Os costumes e tradições, com os belos bordados artesanais, os famosos ovos de Páscoa, as danças folclóricas — tornaram-se mais vivos em grupos que até hoje cultuam o que de mais expressivo enriquece a cultura de um povo.

É o caso do Grupo Folclórico Ucraniano Poltava, de Curitiba, com 30 pessoas no grupo juvenil, 60 pessoas no grupo adulto, 150 crianças no grupo infantil, coral de 30 vozes e orquestra com 19 músicos.

O Grupo Poltava se estrutura com os componentes — todos eles descendentes das primeiras levas de imigrantes ucranianos —, e se fortalece com as 30 crianças que tocam bandura (a bandura é uma

espécie de guitarra de braço curto, cordas de tripa e bordões, seg. dicionário Aurélio) — único grupo infantil a fazê-lo no mundo!

Com sede em Curitiba, no Bairro Água Verde, na rua Pará, o Grupo Folclórico Poltava interpreta com alegria a própria cultura/mãe: as ocorrências da vida popular ucraniana na dança Orletsia, o trabalho dos trigais na Hretchaneke, a competição entre os rapazes na Polzunets e finalmente, a Hopak que representa a própria Ucrânia: é a alma de seu povo, sua nostalgia e coragem.

A Riquíssima e Milenar Cultura Ucraniana, cultuada pelos integrantes do grupo Poltava, festeja em 1991, 10 anos de existência em Curitiba. Como amador, o

grupo caminha ao lado dos 100 anos de imigração ucraniana para o Brasil, com muitos motivos para reviver a participação de um povo com cerca de 300 mil descendentes espalhados pelo Paraná (em sua maior parte), Rio Grande do Sul e São Paulo.

Ou, conforme impresso em um programa de apresentação do Grupo Poltava: "A Pátria nos faz guerreiro, o sangue nos faz Irmãos".

Coincidente um lema bastante vivido no momento em que festejando a liberdade, os ucranianos revivem sua participação na História da Rússia, da Ucrânia e do Brasil!

Maria do Carmo R. Kl. Goulart

PREFEITURA RECEBE GUIA-TELEFAX ALEMÃO E ENCAMINHA OS DEZ VOLUMES PARA O ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA

O prefeito Prof. Victor Fernando Sasse recebeu, na manhã do dia 6/11, em seu gabinete, o "GUIA-TELEFAX" oficial da República Federal da Alemanha.

A obra, formada por 10 volumes, contém o endereço e o número do FAX DE TODOS OS ASSINANTES DA ALEMANHA, incluindo já os "Neue Bundesländer" — os Estados Novos da ex-RDA.

Diz o sr. Alfredo Wilhelm, na entrega dos livros, que o GUIA-TELEFAX 90/91 da Alemanha é uma doação do senhor Wolfgang Born — grande amigo de nossa cidade — da cidade de KÜMMERSBRUCK da região da ALTA BAVIERA na Alemanha, onde o sr. Born é dono duma tipografia.

Para que estes GUIAS tenham acesso à todos, o Prefeito resolveu entregá-los à Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller, onde estarão à disposição de pesquisa por parte de todos os blumenauenses.

Os dez volumes serão classificados e catalogados por região, para facilitar a procura dos usuários. Assim, todos aqueles que desejarem possuir em seu escritório alguns endereços em Fax, poderão comparecer à Fundação "Casa Dr. Blumenau" e, na Biblioteca, encontrarão os guias, dos quais poderão fazer cópias xerox se assim o desejarem.

REMINISCÊNCIAS HISTÓRIAS

CHEGADA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES EM ASCURRA. FUNDAÇÃO DA POVOAÇÃO.

Os primeiros imigrantes italianos designados a ocupar as primeiras terras da Colônia de Ascurra, aportaram em Itajaí no último quartel do século passado, ou mais precisamente, em setembro de 1876, época de transação de emigrantes oriundos de regiões diversas do velho mundo para o novo. Esses deslocamentos para outros países caracterizavam-se pela falta de trabalho e de terras para cultivar. Dias após o desembarque tomando picadas e rastos de animais selvagens, guiados por cablocos práticos, alcançaram a sede da Colônia, tendo sido eles, cordialmente recebidos por Dr. Blumenau e seus auxiliares. Fatigados em decorrência do longo percurso de 50 quilômetros, de imediato foram acomodados precariamente, com as famílias nos barracões dos imigrantes, durante uma semana e pouco. Nesses dias sentiram saudades imensas dos parentes e amigos que deixaram no velho mundo para jamais reencontrá-los. Experimentaram, como nunca, uma sensação de isolamento e de desorientação, ao embrenharem-se nas espessas matas por que passaram para alcançar a Colônia. Durante essa permanência ficaram ansiosos por conhecerem, também, a selva pela qual seriam acolhidos e onde, finalmente, se fixariam para mais uma vez enfrentarem as escabrosidades da vida, em meio agora, às cerradas matas brasileiras. Não tardou que, ao rancho dos imigrantes lhes chegara a agradável notícia de partirem para o destino. Acompanhados por pessoas práticas em transporem montanhas e bosques e de vencerem distâncias, através de atalhos, deslocaram-se dos barracões e seguiram pela margem direita do Rio Itajaí-Açu até a Foz do Ribeirão São Pedro, na localidade então denominada, Picada do Rodeio. Daí passaram para o outro lado do rio, ou seja à margem oposta, em canoas feitas com troncos de árvores, amarrados um paralelo ao outro, cuja travessia constitui-se em verdadeira ação heróica. Desse local saíram margeando rio-acima mais um quilômetro até o lugar em que seria implantada a sede da nova Colônia, agora a Colônia de Ascurra, a poucos quilômetros das encostas da serra do mar. Praticamente sepultados vivos em meio às florestas, deram início à construção de miseráveis barracos para se alojarem. Já premidos pelas dificuldades e vivendo uma situação de penúria de proporções alarmantes, com poucos recursos e alimentos, senão o produto da caça de aves silvestres durante semanas ou meses, começaram a desbravar a mata com pequenas clareiras derrubadas a foice e a machado, ferramentas essas trazidas da Itália, afim de plantarem em covas, os grãos de milho e de feijão.

Escolheram essas sementes porquanto são de ciclo vegetativo curto e se associam na mesma roça, cuja insignificante colheita, por sinal próxima, se destinaria a suprir a cozinha. Essa pobre gente acordava-se de manhã cedo depois de noites mal dormidas com o prece-

timento de que lhes chegariam de surpresa, os ataques selvícolas. Nem sempre, porém, o medo tomava conta do seu sentimento.

Não deixavam, entretanto, de passar as noites em horas absor-tos em Deus, rogando-LHE que os protegesse dos perigos eminentes que os circundavam a todo instante, e que o Supremo Senhor, lhes desse também coragem, força e ânimo para resistirem a toda sorte de ameaças. O dia, para sua surpresa, lhes chegara para receberem as terras. A alegria inundara o coração dessas famílias necessitadas, ao lhes serem doados os primeiros lotes, por Dr. Blumenau.

Tendo em vista a entrega oficial das primeiras porções de terra a esses primeiros imigrantes com título definitivo, em 15 de novem-bro de 1876, constituiu-se, portanto, a data do início da colonização e a consequente fundação da povoação de Ascurra.

Atílio Zonta.

NOTA: Nos próximos números de BLUMENAU EM CADERNOS, apresentarei: Ascurra, distrito de Blumenau; Supressão e Restauração do Distrito de Ascurra, desmembrado do Muni-cípio de Blumenau e depois sob a jurisdição do Município de Indaial; Ascurra município e o nome de todos os Prefeitos, Vereadores e demais autoridades de Ascurra até a presente data.

Romancistas "Alemães" Catarinenses (2)

ANÁLISE DE UM ROMANCE DE EMMA DEEKE

Prof^a. Valburga Huber
UFRJ

Liebe und Pflicht (Amor e dever):

Enredo: Erna Borsdorf, filha mais jovem de bem sucedida fa-mília alemã casa-se com Artur Helling, filho do sócio do seu pai, o qual não ama. Sua mãe evoca, com o problema da filha, sua juventu-de e o dilema semelhante que vivenciara. Na viagem ao Brasil apaixo-nara-se por um jovem alemão que ficou no Rio de Janeiro, mas pro-metera visitá-la em Blumenau. Isso não aconteceu e ela casou-se sem amor. Anos mais tarde, ele a procura e ela, já casada, com filhos, so-fre grande desilusão.

Aconselha a filha a seguir o coração, mas como esta já dera sua palavra, não quer retroceder por questão de honra. Erna se ca-sa e, na viagem de núpcias ao Rio, conhece um amigo de infância do marido, pelo qual se apaixona. Há grandes conflitos interiores, mas triunfa o dever, que está acima do amor.

Envolvendo profundamente a imigração, este romance gira em torno dos dramas familiares: mãe e filha, casamentos arranjados e

sem amor, amores fracassados em nome do dever. Retrata também Blumenau, sua população, classes sociais, costumes, moradias, princípios morais e modo de vida.

Personagens e dualismo: Erna é irrequieta, temperamental, em constante atrito com a mãe, senhora comedida e reservada. Sente-se também distante das duas irmãs mais velhas e o casamento é a fuga desta situação.

A união com Arthur Helling envolve apreço pelo seu nível cultural, cavalheirismo e também interesse econômico (desejo de que a fortuna continue em família), visto tratar-se do filho do sócio do Sr. Borsdorf, pai de Erna.

Um dos personagens mais divididos do livro é o próprio Sr. Borsdorf, o que se vê na passagem a seguir:

A guerra, a situação mundial, totalmente mudada, também ocasionaram grandes transformações nos seus negócios. Já não se importavam produtos alemães.

(...) E para piorar a situação, a constante preocupação pela sua velha pátria sob forte ameaça. Ela resistirá? Será que o desfecho alcançará o resultado desejado, pelo qual tanto sangue precioso já jorrou?

Telegramas confusos faziam-no ficar noites sem dormir.

(...) Claro que ele jurou fidelidade à nova pátria, mas por isso esquecer a velha pátria é algo que está no reino da impossibilidade. Da mesma forma que um filho adulto se desliga da casa paterna, para fundar seu próprio lar, trabalhar e lutar pelo seu sucesso e bem-estar, assim também ele emigrou como um filho da Alemanha para o exterior. A Alemanha é e continuará a ser sua casa paterna! E ser-lhe-á eternamente sagrada.

Ele encarna o imigrante bem sucedido e adaptado, sem, todavia, esquecer suas raízes:

Ao lado dos seus negócios pessoais, o progresso e bem-estar de Blumenau eram seus maiores objetivos. E ele havia conseguido, com o passar dos anos, tanto sucesso político como financeiro, o que nem sequer cogitava na velha pátria! Que ele tenha daí se tornado um brilhante defensor da nova pátria é, pois, explicável! Mas jamais ele esquecerá o que quer que seja de sua velha pátria: exigir a língua e os costumes alemães na escola e no lar permaneceu seu propósito máximo.

O amor neste romance equivale à estima, consideração, dever, hábito de convivência, proteção e respeito.

A mãe, ao ver a filha repetir o seu erro, lembra seu próprio drama, seu amor fracassado, seu casamento sem amor. Nessas recordações, volta à infância feliz na Alemanha, à emigração da família por motivos de doença da mãe e à despedida da pátria:

Com temores e receios, despediram-se eles de sua pátria, numa manhã de primavera inesquecivelmente bela. Lá partiam eles para o mundo distante, para as não pisadas matas virgens brasi-

leiras, ao encontro de um futuro sombrio. E com pensamentos e sentimentos dolorosos lançaram mais uma vez o olhar sedento — o último — para as belezas naturais da terra natal que ficava para trás. Majestosamente, o navio velejava, brilhante. Elba abai-xo, sempre mais adiante, mais adiante para dentro dos mares do mundo...

Os sofrimentos da Sra. Borsdorf, a desilusão amorosa, a morte dos pais, fazem-na odiar a nova terra. O amor e o sucesso econômico são os elos com a nova terra e o fracasso conduz à rejeição e à des-adaptação:

E sempre mais cansada sentia-se ela, dia após dia; ela odiava a terra que lhe trouxera tantos sofrimentos!

Sente-se ligada às filhas mais velhas, mas não à mais nova: O estrangeiro, a nova pátria, na qual ela até hoje não se sente em casa, exige um tributo do seu sangue.

Erna é filha da nova pátria...

enquanto Johanna e Margarete ainda pertencem à outra.

A velha pátria significa amor, concórdia, compreensão e har-monia (as duas filhas mais velhas). Enquanto a segunda pátria é de-samor, incompreensão, desarmonia (sua filha mais nova, seu relacio-namento com ela). Esse relacionamento falho é símbolo da relação fracassada com a nova pátria. Há entre elas um estranhamento insu-perável, tal qual o sentimento da Sra. Borsdorf pelo Brasil. Erna é fruto desse vínculo, uma espécie de castigo por ter "renegado" suas origens e abandonado a pátria que ama verdadeiramente.

O que é visto pelos outros como uma união feliz, encerra para ela o sofrimento e frustração, mascarados pela razão. O casamento de Erna se realiza em nome da honra e o dever que estão acima dos sen-timentos e a história materna se repete:

E sempre mais forte, alertava-a sua consciência. — Tu deste a tua palavra, de que adiantam as lamentações? Agora, resta cum-pri-la até a morte!

Erna sente o Brasil como sua pátria, e por isso representa a nova terra, aos olhos da mãe:

E seus olhos continuavam sua peregrinação, sobre as eiras, cu-mes e telhados, jardins e campos; iam até as distantes cordilhei-ras com a mata virgem eternamente verde na linha do horizonte! E ampliava-se um forte sentimento em seu peito, e sempre ma'is alto elevou-se seu coração pela pátria, seu mundo, sua Blumen-au! Numa única grande oração pela pátria amada elevou-se to-do seu lar....

Neste romance, a visão do mundo é fatalista, as pessoas têm um destino ao qual não podem fugir e os sofrimentos que são irremó-víveis. As palavras de Erna revelam isto:

Não seria a vida somente um sonho? Um eterno procurar, tatear e achar nas trevas! Que co'isas incompreensíveis, tão incrivelmen-te estranhas só está última hora lhe havia trazido! Anos e anos

ela tentou se desviar deste caminho e de repente ela se encontrava justamente nele. Havia algo, uma pressão e obrigação inconscientes, das quais não existia fuga.

Na festa do casamento, há um ótimo quadro da realidade dualista do imigrante:

Depois disso as pessoas se sentaram divididas em grupos afins espalhados no salão. Os senhores fumavam seus charutos e comentavam a política nacional, bem como os últimos telegramas sobre a guerra mundial. Opiniões eram então expressas, analisadas e pesadas pois, embora eles todos já tenham se tornado cidadãos brasileiros, não esqueceram de forma alguma a velha pátria. Com espírito e modo alemães eles prestavam serviços maiores à velha terra do que outros que ficaram firmemente presos ao solo natal.

Ao Sr. Borsdorf, um tipo sociável, comunicativo, a 1ª. Guerra atingia violentamente:

Como uma lança isso penetrou na alma de Borsdorf ... e o amor pela velha pátria irrompe com violência em seu peito. O entusiástico patriotismo que sentia pela nova pátria apagou-se, como que levado pelo vento. Ele estaria pronto para por-se a serviço da velha pátria a qualquer hora, a qualquer minuto.

Igualmente Bernhard Weineck, amigo do noivo, por quem Erna se apaixona, alemão bem sucedido no Brasil, abala-se com a guerra, a ponto de viver deprimido e insensível ao belo:

Como a saudade penetrou profunda em seu coração! Oh, se ele pudesse ir para casa! Só em casa, em casa! É um castigo horrível, um sofrimento louco assistir a tudo daqui do exterior, parado.

O amor entre eles nasce forte, tempestuoso, baseado nos mesmos gostos e idéias. Erna, ao ouvir as apreensões de Bernhard pela Alemanha, dá uma excelente definição do teuto-brasileiro e de sua missão:

— Também aqui o senhor pode prestar grandes serviços à sua pátria. Realmente, eu creio que posso afirmar, com certeza, que foi bom que muitos tenham permanecido aqui para lutar, ao lado dos teuto-brasileiros pela grande causa alemã! (...) Olhe meu pai, e não só ele! Há muitos, muitos mesmo, que sentem e pensam com ele. Ele já está há quase meio século no estrangeiro, tornou-se cidadão brasileiro, ama o Brasil com razão como sua segunda pátria. No entanto, ele jamais pode ser considerado um homem perdido para a Alemanha. Pois, quão grandes são os serviços prestados pelos alemães no exterior à sua velha pátria.

O dever triunfa sempre, sobrepõe-se à paixão que nasce: Mas como que marcada em fogo estava em sua alma a palavra: dever.

Em poucas horas, Erna tornara-se uma pessoa madura e de uma

coisa tinha certeza: se ela se desviasse um só milímetro do caminho do dever, seria conduzida do céu para o inferno. E o que há pouco ela via como amor, um paraíso, nada mais era que pecado diante de seu severo julgamento (...).

Seu conceito de amor torna-se mais e mais abstrato, inatingível, enquanto o dever é algo concreto, real: ficar com seu marido (que teve um acidente, enquanto ela se encontrava com Bernhard, o que lhe causa sentimento de culpa e remorso). Arthur era teuto-brasileiro também, e ela o aceita como quem aceita a nova pátria, por auto-determinação. Oscilando entre o marido — símbolo do Brasil — e o amigo dele — símbolo da Alemanha — como na maioria dos imigrantes — o amor liga-os ao passado, às raízes, à terra-mãe, mas o dever liga-os ao futuro, à terra dos filhos, ao progresso que é uma missão a cumprir. A guerra é o detonador e o maior fator de aprofundamento deste conflito. O dualismo transparece pelas emoções, sentimentos, no nível existencial e seu veículo é como vemos, sobretudo, a literatura.

Não há solução para o problema do dualismo, nas obras em geral, nem tampouco este romance apresenta uma saída para o conflito.

100 ANOS DA RESTAURAÇÃO DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DO BRASIL

Em terras montanhosas alternando-se entre vales e campinas, em 1860, 40 famílias de imigrantes alemães, sob a direção de Theodoro Todeschini, fundaram a Colônia de Teresópolis, hoje município de Águas Mornas, situado no litoral de Santa Catarina. A nova Colônia prosperou tanto que em 1863 já contava com 1500 habitantes. Os imigrantes instalados na Colônia eram profundamente Teocêntricos, sendo das religiões evangélica e católica, sendo esta última em número mais significativo. Os imigrantes católicos eram portadores do catolicismo restaurado de Pio IX, fiéis às diretrizes tridentinas no tocante à vivência sacramental e à organização eclesial. Estando em completo abando-

no espiritual os imigrantes se encarregaram de buscar caminhos para alimentar a fé cristã, solicitando sacerdotes à pátria mãe, Alemanha. O Pe. Guilherme Roer alemão, sabendo da real situação dos colonos em terras catarinenses, deixou a pátria e veio-lhes em socorro. Fixou residência em Teresópolis, então centro religioso da colonização alemã do Sul do Brasil, onde substituiu a Paróquia em 1861, mas a mesma somente foi criada e reconhecida oficialmente pela Lei Provincial nº. 628 datada de 11 de junho de 1869. Ao final de quase 30 anos de intenso e heróico apostolado, cansado e doente, o Pe. Roer pede aos imigrantes que escrevam à Alemanha, solicitando a caridade de mais sacerdotes. Em 1889 o

Pe. Roer deixa o cargo de pároco e se retira para a Santa Casa de Porto Alegre, onde faleceria a 08 de outubro de 1891. Em fins de 1889, com 35 anos de idade, em pleno vigor físico e espiritual, embarca para o Brasil, a pedido dos imigrantes de Teresópolis. o Pe. Francisco Xavier Topp. Em janeiro de 1890 Pe. Topp chega mas fixa residência em São Ludgero. Seu campo de apostolado atinge a distância de mais de 90 km a partir do centro. Tinha que atender distantes núcleos habitacionais, visitar doentes, enfrentar as florestas, o índio e perigos de todo tipo. Também toma para si o cuidado dos colonos italianos e poloneses da Colônia de Grão Pará, além de toda a Paróquia de Teresópolis. Sabendo que era preciso uma organização pastoral que atendesse a todas as áreas carentes do ministério sacerdotal Pe. Topp tratou de encontrar uma forma para preencher os vazios: a vinda de novas Ordens e Congregações religiosas da Alemanha, que depois seriam distribuídas pelo território catarinense. Sua alma missionária pulsa pelos desassistidos. Pe. Topp sabendo que a Província Franciscana de Santa Cruz, da Saxônia, queria restaurar as antigas Províncias da Imaculada Conceição (Sul do Brasil e a de Santo Antônio (Norte) praticamente inativas após a política anti-religiosa do Império, consegue franciscanos para atender a Paróquia de Teresópolis; ali chegam os filhos de São Francisco de Assis, numa sexta-feira ao anoitecer, pouco depois das 19:00 h, no dia 10 de julho de 1891. Teresópolis teve a primeira residência desses frades em Santa Catarina. Foi deste ponto que teve início a res-

tauração da vida franciscana no Brasil. Teresópolis foi o ponto de partida para as fundações franciscanas; de Teresópolis, partiram para Lages e Blumenau em 1892, Rodeio em 1894, Petrópolis em 1896 e Curitiba em 1898, marcando sempre uma vigorosa presença religiosa e pastoral. Foram quatro os franciscanos que chegaram em Teresópolis; Frei Xisto, Frei Maurício, Frei Humberto e Frei Armando. Frei Humberto escreve a situação da colônia: "...somente 11 casas entre as quais o edifício do governo, o mais imponente, as duas igrejas a católica e a protestante, encontram-se no centro da cidade. No vale de apenas um km quadrado, eleva-se, no centro uma pequena colina na qual se encontra a Igreja Católica e a casa do vigário. A Igreja é simples mas bastante grande para os poucos moradores da colônia... Ao terceiro dia de nossa chegada, num domingo, o Pe. Topp fez um belo discurso aos colonos, que compareceram em grande número, pois a notícia de nossa chegada se espalhara rapidamente. Ele comunicou a eles (colonos) que nós tínhamos vindo como missionários e queríamos ficar em Teresópolis. Depois ele contou do Pai São Francisco, explicou-lhes a finalidade da Ordem e disse que vivíamos de esmolas e pediu ao final aos colonos que nos ajudassem com esmolas e mantimentos. Depois dele falou Frei Amando. Tínhamos pois sido introduzidos em Teresópolis e tínhamos, pois, Graças a Deus, provisoriamente, onde morar. Confiantes, pois, no auxílio e proteção de Deus, com coragem iniciamos as nossas atividades. Nós estávamos alegres e olhávamos para o futuro com es-

perança..." Frei Amando Bahlmann era doutor em Filosofia e Teologia, contava com 29 anos de vida e com 2 de sacerdócio. Frei Xisto Meiwes, sacerdote, contava com 38 anos de vida e 2 de sacerdócio. Frei Humberto Themans, irmão franciscano, contava com 38 anos de vida e Frei Maurício Schmalor, irmão terceiro, contava com apenas 20 anos. A semente foi lançada... o futuro... incerto. Ao chegarem fizeram retiro durante dez dias. Depois entraram em atividades apostólicas pelas colônias adjacentes. Com breve intervalo visitavam todas as capelas das colônias, em todas elas parando alguns dias. Visitavam as colônias de Vargem Grande, Rio Novo, Rio Salto, Loeffelscheid, Terceira Linha, Quarta Linha, Angelina, Mundeio, Angelina-Santo Antônio, Garcia, Major, Perdido, Taquari, Rancho Queimado, Rancho de Tábuas e a Colônia Militar de Santa Teresa. Em todas as capelas administravam os sacramentos e davam oportunidade para confissão; porém a Paróquia de Teresópolis somente foi entregue oficialmente aos franciscanos, por provisão de Dom José, bispo do Rio de Janeiro, que cuidava da província eclesiástica de Santa Catarina, aos 13 de novembro de 1891. Cada ano no mês de outubro celebravam em solenidade ímpar a Festa de São Francisco e de Santa Teresa, padroeira da Paróquia. A primeira capela da colônia, construída em 1874 pelo Pe. Roer, não resistindo mais às necessidades da época foi substituída por outra, a atual, em 1897, por Frei Xisto Meiwes. Os franciscanos permaneceram em Teresópolis até o ano de 1900, ano este em que achando-se vago o

cargo de vigário da Paróquia de Santo Amaro do Cubatão, por Portaria Episcopal, o bispo de Curitiba, Dom José de Camargo Gomes, aos 21 de abril, nomeou para o cargo de vigário da Paróquia de Santo Amaro, o Rev. Padre Superior da Residência da Ordem Franciscana em Teresópolis, Frei Xisto Meiwes. Tal ato resultou na transferência dos frades, e com eles a sede paroquial, para Santo Amaro do Cubatão, hoje Santo Amaro da Imperatriz, distante 20 km de Teresópolis. De 1900 a 1909 Teresópolis ficou como simples capela da Paróquia de Santo Amaro. Em 1909, o zeloso e aventureiro, Pe. Augusto Schwirling assumiu a Paróquia de Teresópolis. Em 1945, devido a carência de sacerdotes, Teresópolis foi novamente anexada à Paróquia de Santo Amaro, tornando-se simples capela da mesma, continuando até hoje. Os anos se passaram e os restauradores da província franciscana já colhiam seus próprios frutos; frutos da garra, do brio e do franciscanismo vivido e testemunhado nos primeiros árduos anos de apostolado em terras catarienses. A idade avança e debilita as forças; mas os frutos enaltecem e gratificam todo o esforço até aqui depositado. Além de Teresópolis e Santo Amaro, Frei Xisto trabalhou ainda em muitas outras paróquias franciscanas. Morreu como viveu, sempre e em toda parte um autêntico filho de São Francisco. Faleceu em Florianópolis, com 73 anos de vida, aos 28 de agosto de 1926, sendo sepultado em Santo Amaro. Frei Humberto faleceu em Blumenau, com 74 anos de vida, no dia 13 de junho de 1933. Frei Amando Bahlmann, depois de pastorear

em Teresópolis, foi sagrado bispo; foi prelado de Santarém — PA, e veio a falecer, com 77 anos, em Nápoles, na Itália, aos 5 de março de 1939. Frei Maurício

Schmalor, entregou sua alma a Deus, com 81 anos de vida, aos 16 de junho de 1952, na cidade de Rio Negro — PR.

Cartas

SAUDOSISMO DO CARRO DE MOLAS

Do nosso leitor Nelson Vieira Pamplona, recebemos:

“Rio de Janeiro, 20 de julho de 1991.
Revista “Blumenau em Cadernos”
Alameda Duque de Caxias, 64
89015 — Blumenau

At: Sr. José Gonçalves

Sou natural de Blumenau, que visito regularmente, mas moro no Rio há muitos anos. Sou assinante da revista cujos artigos me trazem gratas lembranças.

Durante minha próxima visita pretendo falar-lhe sobre a eventual publicação de estudos genealógicos das famílias PAMPLONAS e WEHMUTH que pesquiso. Aliás, um dos ramos da família Wehmuth já foi publicado há tempos atrás.

Minha mãe com 84 anos de idade, felizmente ainda viva, possui muitos conhecimentos sobre o outrora Porto Fluvial de Blumenau, sua gente e seus métodos de trabalho, que creio serem de interesse para divulgação e caso eu consiga convencê-la a se dedicar à empreitada.

No entanto o principal objetivo desta é o CARRO DE MOLA. Durante a guerra o carro de mola substituiu, até onde pôde, o automóvel. Eu era criança, mas me lembro do visível progresso tecnológico que a família Olinger empregava. A cada semana, e talvez sempre aos sábados por coincidência, saía às ruas um carro mais avançado, mais bonito, mais silencioso, enfim melhor que o da semana anterior. Com “engenho e arte” as rodas foram cobertas de borracha, os faróis eram mais modernos, os freios semelhantes aos do automóvel.

Hoje ainda estão vivas muitas pessoas que podem dar seu testemunho sobre o carro de mola de Blumenau que escreveu nas ruas uma verdadeira epopéia que precisa ser registrada no papel enquanto ainda for tempo.

Entrevistar todas pessoas envolvidas desde fabricantes, proprietários e usuários creio ser um objetivo urgente.

Acreditando ter contribuído para o registro da história de Blumenau, subscrevo-me

Atenciosamente
Nelson Vieira Pamplona

"BLUMENAU EM CADERNOS" É DESTAQUE NA REVISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA — DE CURITIBA

Através de análises das mais profundas que se possa imaginar, os autores Odilon Nogueira de Matos e Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, da FUCAMP/UNICAMP, inseriram naquela revista especializada importantes informes que esta revista divulgou em suas páginas ao longo de seus 34 anos de circulação ininterrupta.

É, para quem edita e também para os que colaboram com esta revista, motivo de alegria e também de incentivo para o prosseguimento deste trabalho de pesquisas e divulgação, o texto que se encontra num dos últimos números da Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica.

Infelizmente, a exiguidade de espaço não nos permite a transcrição de todo o texto por isso, limitamo-nos a fazer o registro desta publicação que exalta a trajetória de "Blumenau em Cadernos", durante 34 anos sem interrupção, acolhendo em suas páginas colaboração de autores dos mais conceituados, no campo da pesquisa histórica. Depois de uma introdução comentando o fato de não ser comum o que acontece com "Blumenau em Cadernos", os autores afirmam: "A publicação que trazemos ao conhecimento dos leitores — BLUMENAU EM CADERNOS — afigura-se-nos um caso excepcional nos quadros do periodismo histórico brasileiro. Foi fundada e circulou mais de vinte anos sem qualquer vinculação com entidade alguma. Apenas, fruto do esforço e dedicação do prof. José

Ferreira da Silva, grande conhecedor, não apenas da história, mas igualmente dos problemas sociais, econômicos e políticos do Vale do Itajaí, notadamente de Blumenau". Mais adiante, referindo-se ao falecimento de Ferreira da Silva, os autores comentam: "Com o falecimento de seu criador, em dezembro de 1973, a publicação passou aos cuidados da Fundação "Casa Dr. Blumenau", que ainda a mantém". Depois de destacar, em abundantes textos o acervo de produções literárias históricas dos diversos historiadores cujos trabalhos esta revista tem publicado ao longo de seus 34 anos de circulação, os autores concluem:

"Acreditamos que esta resenha de 31 autores estrangeiros, na maior parte desconhecidos dos leitores não familiarizados com BLUMENAU EM CADERNOS, há de ter alguma utilidade aos interessados não apenas na bibliografia estrangeira sobre o Brasil, mas, igualmente, aos interessados em problemas de colonização no sul do País. Especialmente — como já afirmamos — que se trata de textos que só se encontram nas páginas da preciosa publicação blumenauense".

"OKTOBERFEST" ENCONTROU SUA CRONISTA

Essa festa popular, a primeira no país e a segunda no mundo, em seu gênero pedia um cronista. Muito discutida e comentada na imprensa e nas conversas, faltava alguém que se debruçasse com seriedade sobre ela, desvendando seus mistérios e suas origens, e os transmitisse ao público. Mas eis que surge agora o magnífico livro "Oktoberfest — A festa da cerveja", de autoria da Professora Marita Deeke Sasse, nome bem conhecido de nossas letras e cujos trabalhos já tive ensejo de comentar.

Em linguagem deliberadamente complicada, a autora procurou fornecer ao leitor uma visão nítida desse acontecimento que se repete todos os anos em Blumenau, desde 1984, e que tanto tem fascinado os turistas. Ao longo de uma centena de páginas bem ilustradas e repletas de informações colhidas em dedicadas pesquisas, ela foi buscar as origens da festa na Alemanha, que se cruzam e entrecruzam com as da própria cerveja, relatando as coisas mais curiosas e significativas acontecidas em sua história. Comenta, em seguida, a festa na Alemanha moderna, descrevendo-a em linhas gerais e fornecendo dados de interesse para uma avaliação do leitor. A "Oktoberfest" de Blumenau ocupa o capítulo seguinte, pincelando-a a autora com o colorido vivo e característico do evento.

Mas é o último capítulo que encerra, a meu ver, o melhor do livro. É ali que a escritora focaliza a festança com olhos de poeta, enxerga-a como a conjunção de ritos nem sempre explicáveis e que se aprofundam em recantos misteriosos do ser humano. Os símbolos, os mitos, as tradições, a história, a alegria do povo, tudo se entrelaçando e se misturando numa festa autêntica e espontânea que envolve irremediavelmente todos os presentes. Discute também inúmeros outros aspectos, do passado e do presente, concluindo que a "Oktoberfest" é um laço gigantesco a envolver deuses e homens, como acreditavam os alamanos pagãos, o que talvez confirme a explicação de um jornalista para o êxito da festa na sua aparente simplicidade de um grande baile do chope: "Porque é isto que agrada, descansa a mente das pressões diárias, relaxa, alegra e fascina. Como vemos, as pessoas são fundamentalmente simples, necessitam de coisas descomplicadas..."

Com esse livro, além da leitura viva e interessante, Marita Deeke Sasse plantou o marco da crônica de nossa "Oktoberfest", fazendo dele uma fonte incontornável para os pesquisadores futuros.

POESIA PARA CRIANÇAS

A literatura infantil ou juvenil é envolvida, às vezes, em graves confusões. Muito se tem produzido e publicado no gênero entre nós,

de alguns anos para cá, embora boa parte dessa produção seja incapaz de atingir os pequenos leitores e criar neles o hábito de ler, tão escasso no país. Muitas dessas obras esquecem o que seja uma criança, imaginando-a uma espécie de adulto em tamanho reduzido, e o resultado é um texto muito complexo à condição do leitor a que se destina. Outro defeito corrente no gênero é o tom "professoral", manifestado na intenção evidente de ensinar, pregar preceitos, indicar procedimentos transformando o livro num prolongamento escrito da escola. É claro que tudo isso pode ser feito na obra infantil, mas de modo indireto, diluído no texto ficcional, de sorte que o pequeno leitor absorve a lição sem a impressão desagradável de estar sendo sabatinado. Esse o segredo do sucesso no gênero de autores conhecidos, a exemplo de Monteiro Lobato, cujos livros repletos de ações estão sempre ensinando, ainda que de forma transversa. Outros autores de renome, como Érico Veríssimo, para citar apenas um, não tiveram tanto êxito na literatura infanto-juvenil exatamente por terem ignorado essa lição da experiência.

Fazer poesia para crianças é ainda mais difícil e delicado. Como atingir a sensibilidade infantil (ou juvenil) através do verso é uma questão deveras complexa. Creio que, acima das explicações, o que vale é um talento especial do poeta, uma tendência inata para versejar na língua infantil, um gosto particular pelo convívio com a criança, observando-a e compreendendo-a. Por isso talvez sejam tão raros os poetas que façam isso, como é o caso de Janice Pavan, cujo livro "Amor-Criança" é um bom exemplo do que disse acima. A leitura atenta de seu livro me convenceu de que ela realmente sabe como atingir o pequeno leitor e torná-lo um futuro aficcionado da poesia. E assim sendo, só me resta recomendar atenção para o livro de Janice.

VISITA

Andou por aqui, acompanhado da esposa Mécia, o escritor teresinense Francisco Miguel de Moura. Poeta, ensaísta, crítico, contista e romancista, Chico Miguel já realizou uma obra expressiva e que tem sido louvada pela melhor crítica. Em Florianópolis, onde permaneceu dois dias, ele foi recebido com frieza e formalismo, aportando em Camboriú muito decepcionado. Tudo fiz ao meu alcance para desfazer a infeliz impressão, embora não esteja certo de ter conseguido, pois até hoje ele não se manifestou. Mas não se avexe, amigo Chico Miguel: Santa Catarina não é apenas Florianópolis. Na sua próxima visita tenho certeza de que Blumenau, Camboriú e minha briosa terra de São João Batista dos Campos Novos haverão de recebê-lo como merece. Você não levará daqui decepção alguma, ainda que o seu Piauí me tenha decepcionado quando aí estive. É que, embora afirme que no Piauí, no Ceará e nas Alagoas o macaco avoa, não vi sequer um deles por mais que esquadrinhasse os céus.

SACO DE PANCADAS

Léo Vaz, o outrora célebre e hoje esquecido autor de "O Professor Jeremias", foi um dos mais ácidos críticos da Bienal Internacional de Artes, de São Paulo, em seus começos. Lembro-me de um artigo onde ele desancava uma das primeiras exposições. A escola de Léo Vaz parece ter ressuscitado. Embora fosse sempre um acontecimento polêmico, com os prós e os contras, nunca a Bienal recebeu tantas críticas como a atual — a 21ª. Virou moda criticá-la e não há quem não pretenda acrescentar sua estocada, o que me parece injusto e põe em risco a própria sobrevivência da exposição, o que seria muito mais que lamentável. Ora, toda mostra ampla como essa conterà, forçosamente, coisas boas, razoáveis e ruins, mas não será com ataques indiscriminados que a questão será solucionada. A atual Bienal, que visitei logo nos primeiros dias, tem muitas coisas interessantes. Lasar Segall, a retrospectiva do teatro de revista, os pintores, muitas esculturas e algumas instalações, além dos eventos paralelos, salvam a exposição. Os defeitos precisam ser corrigidos, mas não podemos correr o risco de acabar com a Bienal porque muitos não gostaram dela. Foi feliz a jornalista Néri Pedroso, de "A Notícia", ressaltando os pontos altos da atual.

VARIADAS

A interessante revista "Hoje", do Rio Grande do Norte, dedicou uma simpática nota ao escritor Holdemar Menezes. — O poeta Marcos Laffin está publicando a "sanfona" poética "Seis Marés de Água Viva" — Edições Ipê. — Sérgio Paulo Rouanet, secretário nacional de Cultura, proferiu palestra na Assembléia Legislativa. — Lançado o livro "Salim Miguel - Literatura e Coerência", organizado por Iaponan Soares, juntamente com outros livros de Salim. — Eleita a nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, encabeçada pelo Prof. Peluso Júnior, como presidente. O Instituto acaba de publicar "plquette" com resumo de sua história, seu espírito e objetivos e os continuadores da obra inicial. Realizou ainda sessão solene alusiva ao 95º aniversário de sua fundação, entregando ao Prof. Peluso Júnior o título de Presidente Perpétuo e admitindo novos sócios efetivos e correspondentes. — Está circulando o número 9 da revista literária "A Figueira", editada pelo grupo do mesmo nome, de Florianópolis. — A Fundação Cultural de Rio do Sul promoveu exposição de pinturas de Rosi Darius e lançamento de livro de Alfredo Emmanuel Cardoso: "Compêndio Histórico e Geográfico de Rio do Sul". — "Outros Contos", coletânea encabeçada por David Gonçalves, foi lançada no Arquivo Histórico de Joinville. — O grupo literário "A Ilha", liderado por Luiz Carlos Amorim, comemorou mais um aniversário, do mesmo local, com lançamento de livros.

TERENOS

Hermes Justino Patrianova

Transcrevemos, hoje, do nosso livro inédito TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA — 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que epigrafou esta página.

TERENOS

Cidade e Município do Estado de Mato Grosso do Sul, da Microrregião Pastoril de Campo Grande.

ORIGEM TUPI: (T)EREBÁ = TEREB' = TERÉ' (Chamuscar, lamber, passar raspando por, coçar, esfregar) + ENÔ = ENO (Deitar-se, deitar, deitado) ou -NO = NO (Também = QUE SE COÇA DEITADO = QUE SE DEITA PARA COÇAR-SE = QUE SE DEITA PARA ESFREGAR-SE = GATURAMA = GATURAMO (Um dos nomes do **gaturamo**, Passarinho da Família dos **Tanagrídeos**, que deu nome à Taba, à Vila e à Cidade de Terenos) = TERENO (Gaturamo) + S Plural português) = TERENOS (Cidade de Mato Grosso do Sul, cuja laba, anteriormente, deu nome aos Índios Terenos) = TERENOS Índios Aruaques, localizados na Região de Miranda, Mato Grosso do Sul, cujo apelido (Terenos) provém da Taba, que herdou seu nome do passarinho gaturamo ou te-

reno, existente na Região) = CIDADE E MUNICÍPIO = TERENOS». FÜLLER — Alemão = Abundante, repleto.
PINDÓ — Carani — Palmeira, palmeiras.
B A U — Alemão — Edifício, prédio.
Quando se recebe um livro,
Como presente, do Autor,
Empresta-se a mais amigos
Que lhe saibam dar valor!

BELCHIOR

Não diga **Belquiôr**, mas **Belchior** — Brasileirismo, que denomina o Mercador de objetos usados.

A ORIGEM DE PEIXER

Existem, no Vale do Itajaí, muitas pessoas com a assinatura de PEIXER, que sabemos não provirem de PEIXE, mas ninguém conhece o seu significado. Nem se encontra explicação lógica em nenhuma Língua conhecida. Imagina-se que se trate de corruptela de palavra da Língua Alemã.

Vem-nos à mente o seguinte episódio: Em janeiro de 1934, conhecemos, em Rio Negrinho, então Município de São Bento, um grande Homem, de quem nos tornamos amigo e dele recebemos a Exatoria Estadual do mencionado

Distrito do atual Município de São Bento do Sul. Era o Senhor Carlos Speicher (Spáijer), que pedira exoneração da Exatoria, para trabalhar no Escritório das Indústrias de seu cunhado Luís Bernardo Olsen.

SPEICHER, termo alemão, significa armazém, celeiro, depósito, sótão. E aí, pois, deve residir a explicação para a corruptela: SPEICHER, 'PEICHER, PEIXER, com

pronúncia de SPÁICHER, PÁICHER, PÊIXER...

Ficaremos bem contente,
Em receber sugestões,
Que elucidem totalmente
Esta, mais outras questões!

Endereço: Hermes Justino Patrianova — Rua Alfredo Trompowsky, 447 — Cep 88300 — ITAJAÍ - SC.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IV)

Pe. Antônio Francisco Bohn.

ANO DE 1923:

Termo 1: Movimento religioso do ano de 1922: Batizados (359), casamentos (58), confissões (17.000), comunhões (19.300), las. comunhões (90), viáticos (125), alunos das escolas paroquiais (170).

Termo 2: Provisões de celebração de missas e Conselhos de fábrica da matriz e capelas, em 31.01.

Termo 3: Provisão que autoriza ao vigário Fr. Anselmo erigir a Via Sacra na capela das Irmãs da Divina Providência (sem data).

Termo 4: Provisões que instituem Fr. Anselmo como confessor ordinário e Fr. Solano como confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência de Gaspar por três anos. Por outra Provisão é nomeado Fr. Cleto Espey, confessor especial.

Termo 5: Provimento da Visita Pastoral de D. Joaquim à paróquia, em 16.06.

Termo 6: Relato do incidente

acontecido em Ilhota durante a Visita Pastoral de D. Joaquim, em 16.06. Recortes do jornal "Fha-rol" de Itajaí sobre o caso e resposta do cônego Pe. Francisco Giesborts, vigário de Itajaí.

Termo 7: Chegada das imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora, São José, e de Nossa Senhora de Lurdes, encomendadas em München (sem data).

Termo 8: Movimento religioso de 1923: Batizados (406), Casamentos (88), confissões (17.500), Comunhões (19.700), visitas às capelas (36), las. comunhões (60), viáticos (150), unções (134), alunos das escolas paroquiais (146).

ANO DE 1924:

Termo 1: Referência às Provisões recebidas.

Termo 2: Carta Pastoral de D. Joaquim sobre o Jubileu do Ano Santo (sem data).

Termo 3: Movimento religioso de 1924: Batizados (480), casamentos (70), confissões (15.000), comunhões (16.200), visitas (60), las. comunhões (180),

pregações (310), alunos das escolas paroquiais (172).

ANO DE 1925:

Termo 1: Visita de Pe. Lopes, visitador apostólico (sem data).

Termo 2: Reforma da gruta de Nossa Senhora de Lurdes e colocação da nova imagem.

Termo 3: Missões em Gaspar, de 25.12.1925 até 01.01.1926, em português.

ANO DE 1926:

Termo 1: Missões em Gaspar, de 01 a 07.01.1926, em língua alemã.

Termo 2: Missões nas capelas de Ilhota e Baú, e em Luiz Alves durante o mês de março. De 10 a 17.12.1925, houve missões na capela de Gasparinho.

ANO DE 1927:

Termo 1: Notas das visitas às capelas que ocorreram 1 vez por mês e atividades pastorais (sem data).

Termo 2: Reforma da casa paroquial (sem data).

Termo 3: Provisões das capelas, celebração de missas, Conselhos de Fábrica e de faculdades, até 31.10.1928.

ANO DE 1928:

Termo 1: Notas sobre atividades pastorais e quadro comparativo do crescimento religioso da paróquia.

Termo 2: Provisões e faculdades ao vigário e coadjutor, até fevereiro de 1929.

ANO DE 1929:

Termo 1: Transferência de Fr. Anselmo para Curitiba. Chegada de Fr. Gervasius Kraemer como novo vigário, em 17.02.

Termo 2: Colaboração financeira da paróquia de Gaspar em favor da construção do colégio Pio Brasileiro em Roma, em 24.02.

Termo 3: Comemorações do

50º. aniversário da ordenação sacerdotal do papa Pio XI, em março.

Termo 4: Notícia sobre a escolha do 1º. bispo da nova diocese de Joinville, em abril.

Termo 5: Festa na gruta de Nossa Senhora de Lurdes, em ... 03.05.

Termo 6: Festa do Sagrado Coração de Jesus. Nomeação dos primeiros presidentes do Apostolado da Oração: Sr. Pedrinho Schmitt e Maria Hoeschl, em junho.

Termo 7: Festa de São Pedro Apóstolo, em junho.

Termo 8: 1ª. Carta Pastoral de D. Pio de Freitas Silveira, bispo de Joinville, em 03.07.

Termo 9: Despacho da Cúria sobre a contribuição financeira da paróquia ao colégio Pio Brasileiro, em 11.07.

Termo 10: Chegada de D. Pio a Joinville e recepção, em 17.08.

Termo 11: Missa solene de posse de D. Pio, em 18.08.

Termo 12: Passagem rápida de D. Pio por Gaspar (sem data).

Termo 13: Nova visita de D. Pio por ocasião da consagração de D. Fr. Daniel Hostin em Gaspar nomeado 1c. bispo de Lages.

Termo 14: Despacho da Cúria confirmando as Provisões enviadas, em setembro.

Termo 15: Requerimentos do vigário solicitando Provisões para missas em lugares fora de capelas. Concedido em 30.10.

Termo 16: Pedido do vigário para que as Irmãs Franciscanas estabeleçam nova residência em Gaspar. Concedido, em 30.10.

Termo 17: Nomeação de Olga Schmitt como professora da escola paroquial de Poço Grande (sem data).

Termo 18: Movimento religio-

so de 1929: Comunhões (19.000), las. comunhões (271), visitas aos doentes (104), batizados (484), casamentos (98).

Termo 19: la. Circular do Sr. Bispo D. Pio sobre o trabalho do clero, em 10.03.

Termo 20: Carta Pastoral de D. Pio sobre diversos assuntos, em 04.04.

Termo 21: Escolha do cônego Felipe para presidente regional da obra de São Pedro.

ANO DE 1930:

Termo 1: Renovação das Provisões, em 26.01.

Termo 2: Chegada das Irmãs Franciscanas em Gaspar, em 04.02.

Termo 3: Reinício das escolas paroquiais, em 12.02.

Termo 4: Provisões de vigário e coadjutor, em 28.02.

Termo 5: Autorização do Sr. Bispo para a renovação dos votos simples de três religiosas (sem data).

Termo 6: Avisos do Sr. Bispo sobre a binação de missas e livros paroquiais (sem data).

Termo 7: Carta Pastoral de D. Pio sobre o óbulo de São Pedro (sem data).

Termo 8: Registro do terreno e casa das Irmãs (sem data).

Termo 9: Transferência do vigário Fr. Gervasius Kraemer para Santos. Chegada de Fr. Eduardo Vogt em Gaspar, como novo vigário, em 07.09.

Termo 10: Circular do Sr. Bispo sobre o estabelecimento da Obra da Propaganda da Fé. Circular pedindo orações pela pátria, em 14.11.

Termo 11: Movimento religioso do ano de 1930: Batizados (490), casamentos (81), confissões (20.675), comunhões (22.175), las. comunhões (135),

membros do Apostolado (278), Filhas de Maria (95), Congregados Marianos (65), sermões e práticas (320), doutrinas (530).

ANO DE 1931:

Termo 1: Renovação das Provisões do coadjutor, das capelas e dos Conselhos de fábrica da matriz e capela de Gasparinho.

Termo 2: Termo da Visita Pastoral de D. Pio à paróquia, de 18 a 21.03.1931.

Termo 3: Licença para bênção da capela do Arraial Alto e Provisão para a dita capela, em 20.04.

Termo 4: Licença para a renovação dos votos de Irmãs, em 27.07.

ANO DE 1932:

Termo 1: Nova nomeação de Fr. Gervasius Kraemer para Gaspar, em 27.01.

Termo 2: Celebração da la. Eucaristia das crianças da matriz após a Páscoa. Surto de malária na cidade.

Termo 3: Início da construção da nova residência das Irmãs Franciscanas (sem data).

Termo 4: Breve referência à revolução de São Paulo.

Termo 5: Reunião dos vigários do Vale do Itajaí em Ascurra (sem data).

Termo 6: Lançamento do Boletim Diocesano de Joinville (sem data).

Termo 7: Nova tabela de emolumentos e taxas (sem data).

Termo 8: Bênção solene da nova residência das Irmãs Franciscanas, em 25.09.

Termo 9: Licença para a ereção da Via Sacra na capela das Irmãs, em 25.09.

Termo 10: Orientações do Sr. Bispo, com relação à política (sem data).

Termo 11: Licença para a profissão solene da duas Irmãs (sem data).

Termo 12: Movimento religioso do ano de 1932: Batizados (285), casamentos (43), confissões e comunhões (19.990), las, comunhões (111), visitas aos doentes (103)

ANO DE 1933:

Termo 1: Reunião dos Conselheiros da matriz, em 01.01.

Termo 2: Renovação das Provisões e faculdades de vigário e coadjutor e dos Conselhos de fábrica, em 02.02.

Termo 3: Bênção do quadro de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na capela das Irmãs, em 12.02.

Termo 4: Carta Quaresmal de D. Pio (sem data).

Termo 5: Aumento de alunos na escola paroquial (sem data).

Termo 6: Mandamentos especiais do Sr. Bispo para o tempo de Quaresma (sem data).

Termo 7: Reunião dos Conselheiros da matriz, em 15.03.

Termo 8: Convite do vigário para que o povo qualifique-se como eleitor (sem data).

Termo 9: Celebração da 1ª Eucaristia de 112 crianças, após a Páscoa.

Termo 10: Confissão quaresmal e comunhões na matriz e capelas.

Termo 11: Referência ao início do Ano Santo.

Termo 12: Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 13: Festa do Sagrado Coração de Jesus, em 06.06.

Termo 14: Festa de São Pedro Apóstolo, em 29.06.

Termo 15: Carta do Sr. Bispo sobre o Congresso Eucarístico, em 30.07.

Termo 16: Domingo Missionário, em 22.10.

Termo 17: Festa de Cristo Rei e coleta para o seminário brasileiro.

Termo 18: Movimento religioso de 1933: Batizados (317), casamentos (47), confissões (20.000), comunhões (21.945), las, comunhões (116), visitas aos doentes (81), visitas às capelas (24), número de alunos das escolas paroquiais (180).

Termo de encerramento do 1º livro: data 02.09.1895.

Apêndice do livro: Despesas e receitas da paróquia.

ECONOMIA / Manteiga

DER URWALDSBOTE

Nº. 25

Sábado, 21 de dezembro de 1901

Ano 9

Questões econômicas atuais (II)

ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE LACTICÍNIOS

A agropecuária em nosso município se constitui quase que só de pequenas empresas. O colono possui 25 e quando muito 50

hectares de terras que ele administra com sua própria família empregando raramente pessoas estranhas. Os jovens só de passa-

gem permanecem em empregos como os chamados peões e empregadas domésticas, as primeiras podem com facilidade adquirir uma colônia, por ainda existir muita terra devoluta e ambas as partes casam relativamente cedo para logo se estabelecer economicamente independentes.

Estas pequenas condições camponesas com terras suficientes para os descendentes formam de certa maneira uma situação social ideal. Possibilitam a todos que possuem dois braços fortes tornar-se dono de sua própria terra. Falta-lhe a riqueza, mas o pólo contrário também fica afastado que é a pobreza. O colono desde que não tenha um mau pedaço de terra e não seja atingido por extraordinários desastres (doença, morte do gado, etc) e ainda processos pode, mesmo que comece com nada, chegar até um certo grau de bem estar. E uma sadia e robusta e autoconfiante classe camponesa, forma sempre o mais sólido fundamento da edificação social.

Mas agora a mini empresa, como na indústria, também a agropecuária tem os seus lados sombrios e não é capaz de enfrentar a concorrência da nossa era Capitalista. Também nosso município, apesar de ainda não estar ligado ao mercado mundial, não forma uma área econômica fechada, mas sim depende de seus produtos do mercado e das leis deste. Para o mercado no entanto a grande empresa produz mais barato, porque tem o privilégio e métodos de trabalho racionais, podendo fornecer um produto uniforme.

Um meio para unir as vantagens sociais de uma mini em-

presa com os privilégios econômicos de uma grande empresa é o sistema de Associações. O que não consegue a pequena isolada e desintegrada empresa, fornece a organização de uma associação especialmente, no ramo de produtos de laticínio, cujos produtos, correspondem ao maior valor de nossa exportação, a associação foi de grande valia. Ela tornou-se a fonte de renda e bem estar para a classe camponesa da Finlândia, Dinamarca, Alemanha e América do Norte. Porque tal progresso não seria também possível de implantar aqui?

A condição primordial para uma produção laticínia rendosa é a introdução e criação racional de boa raça leiteira. Aqui já estamos no caminho certo quando nos decidimos pela importação de touros reprodutores da raça Allgäu, para criar um núcleo reprodutor. Queremos reconhecer que a iniciativa para este significativo progresso partiu dos comerciantes, mesmo antes que o Kulturverein tomasse a questão nas mãos. Várias firmas contribuíram com uma soma bastante elevada a esta iniciativa do Kulturverein, prova de que os comerciantes estão cientes na união de interesses que os liga aos colonos.

Com uma melhora de nosso gado leiteiro podemos com o mesmo plantel de gado obter o dobro da quantia de leite, que além do mais é bem mais gordurosa. Mas mesmo assim, foi feito muito pouco se nós não empenharmos seriamente em fornecer uma manteiga de melhor qualidade do que as mini empresas, sem nexos com a melhor boa vontade podem produzir. Somente se lançarmos um

produto melhor no mercado, do que até agora e falando na linguagem comercial, podemos oferecer a ponta à concorrência.

Naturalmente existem pessoas que imaginam o negócio bem mais fácil. A estes pertence o economista nacional que no Blumenauer Zeitung escreve sobre "preços de produtos". É de reconhecer agradeço que este jornal, mesmo um pouco tarde, apresente uma proposta positiva para combater a crise, já que há meses se esgotava em estêreis anedotas. O meio proposto pelo Blumenauer Zeitung tem também um privilégio, isto é, ser tremendamente fácil, tão fácil que sem querer nos vem a lembrança o ovo de Colombo. Mas que também com isto, se esgotaram seus privilégios. Deixemos que o Colombo do Blumenauer Zeitung fale por si: Existe — diz ele — um meio de elevar significativamente o produto principal, a manteiga e desta forma melhorar toda a situação econômica da Colônia e isto de forma muito simples, sem máquinas de gelo e associações de laticínios, mas simplesmente numa elevação considerável da taxa de importação para manteiga estrangeira, através do Congresso Nacional. Se a manteiga for taxada em 2\$000 então fomos auxiliados. E se o imposto for de 1\$000 então nós temos que dar-nos por satisfeitos. E por que isto não seria possível conseguir?

A isto alia-se o político economista do Blumenauer Zeitung, o desejo de que nossos representantes no Congresso da União: o senador Lauro Muller e o Deputado Paula Ramos façam valer "sua influência política" neste

sentido, onde certamente algo seria alcançado. E em outra coluna do mesmo jornal, lemos o comunicado que o diretor de nossa estação agrário-pecuária experimental, o senhor Dr. Rossi, por sugestão do superintendente (!) a pedido do governo do Estado, irá à Europa para fazer um estudo intensivo da fabricação da manteiga. A missão — assim está escrita — pode ser de grande importância.

Primeiro, no que se refere ao Dr. Rossi, desejamos a ele o melhor sucesso nesta viagem às custas do governo estadual. Esperamos que seu estudo intensivo da fabricação de manteiga apresente melhores resultados do que seu estudo igualmente intensivo do preparo do tabaco e fabricação de charutos.

Portanto o Blumenauer Zeitung nos mostra o caminho que temos que trilhar. Nada de melhora do plantel do gado leiteiro — isto é "bobagem" — como se expressou certa ocasião. Nada também sobre a Associação dos produtores de laticínio — isto também não é necessário — Façamos tudo mais simples! Por que se esforçar tanto em introduzir melhoras na pecuária? Continuemos com a mesma malandragem de agora. Os senhores Paula Ramos no Rio, e Dr. Cunha em Blumenau o último a nossa cruz aqui — cuidarão de tudo.

Infelizmente a teoria do economista nacional do Blumenauer Zeitung tem um furo, ou melhor, dois. Já existe um imposto de importação sobre manteiga estrangeira, bastante significativo, isto são 1\$200 por quilo, mais 25% de acréscimo em dinheiro ouro, faz 1\$500. O Congresso Nacional

portanto, já resolveu a questão e isto para satisfação do cooperador do Blumenauer Zeitung, sem que este senhor tivesse a mínima suspeita disto. Do que se conclui: primeiro, não é bom escrever sobre assuntos alfandegários sem certificar-se da tarifa aduaneira, segundo: que "toda a influência política" do senhor Paula Ramos, desta vez foi desnecessária e terceiro: de que com a próxima eleição presidencial, não se trata para nós do dinheiro da manteiga, como o Blumenauer Zeitung, pretende colocar o assunto.

O imposto de importação sobre a manteiga estrangeira, pouco tem resolvido para nós, o concorrente maior não é o estrangeiro, mas o Estado da União — Minas Gerais. Minas está em dois pontos a nossa frente, fornece manteiga excelente e a produção de laticínios é feita nas grandes fazendas que apresentam mais de 160 cabeças de gado leiteiro, em grande escala e segundo, tem melhores comunicações com Rio e São Paulo que são também nosso mercado de consumo. O primeiro podemos igualar com uma associação de produtores de laticínio, no segundo ponto dependemos da cooperação da Associação Comercial. Esta precisa empenhar-se num barateamento dos fretes e despesas dos nossos produtos, e que consigamos comunicação regular com nossos mercados consumidores para fornecer o mais rápido a

nossa mercadoria e ao tempo sempre fresca.

Ainda está em tempo de conservarmos o mercado que conquistamos. Mas é necessário que façamos grandes melhoras na produção de manteiga para podermos fornecer um produto uniforme. Este objetivo só poderemos alcançar através de um trabalho cooperativo associado. Precisamos ajudar-nos a nós mesmos, não deixar as mãos inativas esperando maiores impostos ou por um resultado de uma viagem de recreio, queria dizer viagem de estudos do Dr. Rossi.

Se hesitarmos em atacar as necessárias reformas, então Minas nos tirará completamente do campo de ação e nós corremos o risco de perder nosso mercado de consumo. Para enfrentarmos este desafio, precisamos chegar ao ponto de, em conjunto com Minas, desalojar a manteiga estrangeira do mercado interno. Não é certo, que a manteiga nacional se introduza definitivamente nos melhores círculos da população dos grandes centros. Mas a manteiga nacional precisa ser somente boa!

Então substituirá a fabricada no estrangeiro não menos como a boa cerveja nacional (Bavária, Antártica) que realmente substitui a cerveja estrangeira.

Ass.: X.

Subsidios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 9 de dezembro de 1865.

Aniversário do Imperador — Dona Francisca — O dia 2 de dezembro já é dia de festa para Joinville, um dia de festa geral, na opinião de toda a população e é sempre comemorado da mesma maneira, todos os anos. Durante o dia pouco se percebe. Cada um, como de costume, cuida de seus afazeres até o momento em que o sol declina atrás dos "Montes azuis", mas quando a noite começa a descer sobre a região, foguetes e fogos de artifício sobem aqui e acolá, anunciando o significado do dia. As casas de Joinville se enfeitam ao clarão de luzes e suas janelas iluminadas e ornamentadas de flores e folhagens diversas brilham como olhos rutilantes, refletindo a alegria de seus moradores e transmitindo um ar de festa, à massa popular que acorre de todos os lados da Colônia. Às 8 horas da noite mais ou menos, ruam os tambores em frente ao Restaurante Ravache. Todos acorrem ao local, os ginastas preparam-se, acendendo os seus archotes e ao som da banda de música inicia-se a passeata festiva pelas ruas principais de Joinville, com a participação de enorme massa popular, que vai aumentando de rua em rua, aqui e ali recebida com foguetes e fogos de artifício, sempre retribuídos com júbilo pelo povo, até o retorno do préstito ao Restaurante Ravache, onde sob 3 vivas estrondosas ao Imperador D. Pedro II e ao Império, os archotes são amontoados para uma grande fogueira e no salão tem início o baile que vai até a madrugada do dia seguinte.

Anúncios publicados no dia 28 de novembro de 1868.

FESTA DE ANIVERSÁRIO DE SUA MAJESTADE O IMPERADOR

O subdelegado abaixo-assinado convida os habitantes de Joinville para, em regozijo do aniversário de Sua Majestade, quarta-feira, do's de dezembro, iluminarem suas residências, soltarem fogos de artifício e tomarem parte na passeata que se realizará à noite do mencionado dia, partindo do pátio da Igreja protestante, demonstrando assim o seu patriotismo.

O Subdelegado: **Francisco Antônio Vieira.**

MUSICA DE DANÇA

A 2 de dezembro, no antigo Salão Ravache, hoje pertencente à Madade Conrad.

A. Katotschke

EM REGOZILHO À DATA

No dia 2 de dezembro: baile.

Terminada a passeata festiva, marcha ao som da banda de música, para o meu salão.

C. Melitor

A coleção do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

Hermann Blumenau Filho, repudia acusações de Stutzer ao fundadar

(Coleção Dossiê — COLONIZAÇÃO + FAMÍLIA BLUMENAU
+ pasta 03-1.2, documento 23 do Arq. Histórico «Prof. J.F.S.»)

«J'appelle un chat un chat et Rolet un fripon.»

Boileau.

Se me submeto a este trabalho pouco agradável é tão somente para dar um quadro exato dos fatos comprovados. O rico material, deixado por meu pai Dr. Hermann Blumenau e que G. Stutzer em seu livro «In Deutschland und Brasilien» (Na Alemanha e no Brasil) o ataca mentirosamente e caluniosamente. Fiel à sua tática, Stutzer pensou que poderia espalhar o seu veneno contra meu pai, após a sua morte. Por esta razão me considero duplamente responsável em enfrentá-lo.

O que se refere ao assunto Stutzer em geral, acho desnecessário mencionar algumas anotações desairosas, como por exemplo na página 179, que em verdade já foram espalhadas por Stutzer em Blumenau, há 28 anos passados, e energeticamente refutadas pelos blumenauenses. Por isto me restringirei às verdades honrosas.

Na página 245, Stutzer diz que meu pai chamou a revenda das terras uma bagatela. Isto se contrapõe à declaração juramentada de meu pai, que fez no processo contra Stutzer, em Braunschweig, dizendo que não fizera esta menção. Em vários lugares de suas anotações, ele avisara Stutzer especialmente das dificuldades. Deve-se citar, que foi Stutzer o primeiro a persuadir meu pai a vender-lhe as terras, ele mesmo confessou num volante publicado.

De mais peso é a afirmação na mesma página 245 onde ele diz que meu pai vendera terras que não lhe pertenciam. Esta afirmação injuriosa Stutzer já alegou no processo de Braunschweig e na decisão do tribunal, foi dito o seguinte a este respeito:

«No decorrer do processo, tornou-se sempre mais obscuro como o acusador quer por falta de «títulos de propriedade», fazer reivindicações. Sob esta expressão, ele não se explicou, tão pouco disse até que ponto o acusado (Dr. Blumenau) se mostrou como se tivesse os títulos. Apesar desta dita falta, se sentia como dono das terras, prova sua «defesa» no «Immigrant» de 1º. de setembro de 1886, onde declara categoricamente, que ele é o proprietário da terra e que ninguém a não ser ele, tem o direito de dispor das mesmas.

A isto se acrescenta, que o acusador (Stutzer) não negou posteriormente as declarações do acusado sobre seus títulos de compra das terras e confessou ter recebido os títulos de propriedade.

Nas mesmas atas do processo: «referente à compra de terras do governo, as chamadas terras devolutas, ambas as partes concordam que o documento de empréstimo das autoridades bastavam como comprovante do vendedor».

Igualmente é mentirosa a afir-

mação de Stutzer que meu pai lhe escondera que deveria ser paga uma Sisa estadual na venda (para isto existem testemunhas). Além do mais haviam notas especiais nas instruções que meu pai recebera de seu representante em Blumenau, que Stutzer, como o mesmo confessa em uma carta de 4 de agosto de 1885, ter recebido aberta e que iria copiar.

Stutzer, tinha através das negociações com meu pai e o representante desta, bem como através do processo, absoluto conhecimento da situação. Se ele mesmo assim faz estas afirmações, prova com isto, que é um vergonhoso e ciente caluniador de meu pai.

Berlim — Wilmersdorf, abril, 1914.

H. Blumenau

*

Extraído das anotações feitas por meu pai, Dr. Hermann Blumenau sobre Gustav Stutzer.

«Braunschweig Tageblatt» — Nº. 439 de sábado, 19 de setembro, 1891, edição matutina.

«Dos Estados vizinhos».

Goslar, 18 setembro — Informamos há alguns dias de que foi dada entrada ao processo de falência sobre a fortuna do pastor a.D. Stutzer e que o senhor Stutzer, novamente seguiu para o Brasil. Como parece, o chão esquentou demais para ele. As dívidas do citado senhor somam redondo meio milhão de Marcos e a massa falida não dará 5% para os credores privilegiados. A maioria, são comerciantes locais e os pequenos artífices e trabalhadores, sofrerão com esta bancarrota. Lamentavelmente o senhor Stutzer como se lê no jornal local — conseguiu «enganar» nos últimos dias de sua estadia, com verdadeira arte de mestre, vá-

rios comerciantes. No dia 12 de outubro, às 10 horas da manhã se realizará uma reunião de credores para assim sabermos mais sobre este caso.

*

Uma publicação oficial, do departamento jurídico de Goslar, diz que o advogado Bessel, foi nomeado administrador da massa falida e oferece o Theresienhof (Instituto de Stutzer) que neste meio tempo foi fechado, para a venda livre.

Ofereceu acima de 50.000 M brutos ou acima de 21.000 M de lucro(!?)

Na reunião dos credores de 2 de outubro, foi constatado, a não ser que reine uma grande confusão no caso Stutzer, que o valor do terreno não atinge 50.000 M e do inventário igualmente foi avaliado em cerca de 8.000 M.

Vários acontecimentos estranhos tornaram-se públicos. O Pastor Stutzer antes ou em 1884, fez um seguro contra o fogo de seu inventário com 112.000 M. No ano 1885 arrendou o mesmo ao conselheiro sanitário Dr. Med. Servaez por 12 anos, que também lhe ofereceu o inventário pelo preço de 75.000 M e este no entanto, rejeitou! Porém mais tarde mandou avaliar oficialmente o inventário... foi calculado naquela ocasião em 12.500 M. Recentemente foi avaliado superficialmente a cerca de 8.000 o mesmo inventário, que Stutzer assegurava por 112.000 M e oferecera para compra ao arrendatário por 75.000 M. Stutzer com o contrato e quebra de obrigações e promessas o «enganara» de tal forma, que no primeiro ano... 1885/86... teve que dar a este todo o lucro, cerca de 10%, tendo assim trabalhado gratuitamente para Stutzer e sacrificado, da própria

fortuna, mais de 12.000 M para pagar em cima! Consequentemente exigiu na rescisão ou mudança do contrato, o que em 1886 ou início de 1887 foi anulado e em abril de 1887, Stutzer assumiu o instituto.

Quando em fins de julho de 85, a família Stutzer estava pronta a partir de Goslar, vários insatisfeitos trabalhadores e entre eles um decorador e carpinteiro, ameaçaram o embargo da bagagem. Para satisfazer a estes, o falecido pai, superintendente Stutzer (Otto) depositou junto a um grupo de banqueiros papéis de valor como garantia para bagagem e família poderem viajar. Mas quando depois os pobres credores se manifestaram, para receber seu dinheiro, desanimaram porque os papéis haviam sido retirados e agora eles embargaram juridicamente o dinheiro arrecadado e de arrendamento de Theresienhof e só foram compensados com este.

De passagem por Braunschweig, o chique casal permaneceu no «deutschen Hans» (Casa Alemã) e conseguiu com a mesma maestria enganar alguns comerciantes. Depois o conseguiram também enganar em Goslar. Um deles requereu através do advogado Wersig o embargo nas arrecadações de Theresienhof no valor de 2.000 M, e nada mais conseguiu. O comerciante Witting, hoje fornecedor na corte possui grande comércio de roupas, tecidos, tapetes e artigos de luxo, para o sexo feminino. No entanto, era astuto na avaliação do digno casal, garantindo-se com ação rápida da perda de 1.100 marcos. Pouco tempo antes, Stutzer retirara um posto de algumas mercadorias, e como comerciante astuto também pagara em um tempo certo, e acentuou

que sua esposa dentro em pouco viria para fazer outra compra maior e esta seria paga imediatamente. Assim sendo em 30 ou 31 de julho 1885 foram enviadas as mesmas com a devida conta do «Deutschen Hans». Mas quando na manhã seguinte, o referido auxiliar já havia desaparecido para Hamburgo levando a mercadoria. Foi enviado ao seu encalço o auxiliar, mas no elegante «Hamburger Hof» foi recebido com gritos e insultos e lhe foi negado o pagamento. Stutzer só se dignou a fazê-lo quando já estava a bordo do navio, que iria partir e um policial lhe garantiu que o retirariam até que o assunto fosse resolvido. Somente assim e ainda com insultos ele pagou e teve a indelicadeza, de enviar ao senhor Witting, um cartão postal do Rio de Janeiro, com expressões de insulto. O nobre casal aprendeu alguma coisa no que se refere a esperteza, aprendeu a enganar pequenos trabalhadores e outros comerciantes — no seleiro Moritz na «Breiten Strasse», (Rua Larga). Stutzer comprou uma mala de viagem para si ou sua esposa, antes de sua viagem e desapareceu logo em seguida. Mas, não pagou — tais negócios chamam-se de trapaceira e atrás dos trapaceiros se envia curtas de capturas! Será que isto ainda vai acontecer em relação a Stutzer? Soube esta trapaceira de malas, através de um promotor. Isto mostra que o digno pastor e sua beata esposa, indiscutivelmente uma esperta escritora, preferem grandes negócios, mas não desprezam os pequenos.

Em 1885, pouco antes da conclusão do contrato entre mim e Stutzer, escreveu-me em relação a um jovem nobre mencionado por mim, que provavelmente seria mui

«débil» extravagante leviano. Eu que cuidado tomasse com as suas condições financeiras, ele Stutzer conhecia como sua própria algibeira. Em Blumenau, Stutzer soube de forma bem caloreira, enganar este jovem crédulo, que ele chamara de débil, tomando-lhe todo seu dinheiro, que era cerca de 10.000 M, como me escreveram de lá. Deste dinheiro antes de sua partida em dezembro de 86, só restituira uma parte. Aqui na Alemanha, em 1887, tentara se livrar desta falta, contando com uma série de mentiras, à mãe deste, como seu filho suportava a culpa por indiscrições etc.. Stutzer, comigo, não podia chegar a um acordo. A senhora me escreveu muito preocupada, se as afirmações dos Stutzer e suas reivindicações tinham fundamento. Naquela ocasião ainda não sabia nada a respeito das condições de Stutzer. Mas este já sabia há bastante tempo e logo disse: «ou Stutzer lhe deve dinheiro ou por trapanças quer se desviar do pagamento; ou alega não dever nada, porém quer extorquir o mais possível com igual trapança».

Além disto, se afirma que Stutzer assinou um contrato em Hamburgo com a Sociedade Colonizadora de 1849 e deveria ou queria vir ao Vale do Itajaí, 80 Km acima de Blumenau, para ali, colonizar a região selvagem. O que tem de verdade nisto, veremos mais tarde; parece que isto foi espalhado pelo próprio Stutzer. Este entende em mentir e trapacear, como nunca encontrei em toda minha vida atribulada. Portanto não dou valor nenhum a estes informes.

Desde que escrevi o acima, recebi sobre Stutzer outras informações de trapanças e mentiras, que bem o caracterizam de várias par-

tes e fontes fidedignas de Blumenau. Estas provam mais uma vez, que vergonhoso farsante, mentiroso e impostor se esconde em Stutzer e o faz perigoso à comunidade em geral. Domingo, 9 de agosto deveria ou queria pregar numa Igreja em Goslar em substituição ao respectivo pastor doente. Ele não compareceu e a comunidade foi embora sem pregão. Como é que Stutzer podia pregar naquele dia, quando se encontrava no hotel Weimar em Rotterdam onde escreveu uma carta ao senhor A... em Hamburgo, cuja cópia está a minha frente? Nesta carta ele diz que a partir de agora se queria dedicar inteiramente à colonização e à questão imigratória e mente a este senhor A... com um monte de perspectivas sugestivas. Logo foi reconhecido por ter-se tornado conhecido nos círculos comerciais de Hamburgo como um astuto impostor e artista financeiro. Ele viria a adquirir um enorme complexo de terra do governo brasileiro e ciosamente conseguiria fazer o que o senhor A... saberia dentro de 3 a 4 meses e anualmente introduziria 5.000 imigrantes, mas não estava comprometido com este número.

Perto de setembro ele apareceu em Blumenau, apresentando-se como autorizado da Sociedade de Colonização de Hamburgo de 1849 (Colônia D. Francisca) com a capital Joinville, como também fizera contratos com o governo brasileiro e já estava com os mesmos no bolso. Como tal teria que se apresentar ao engenheiro chefe do governo, em Blumenau que estava encarregado das medições de terras dos imigrantes, etc. Isto significa que foi um atrevimento sem igual, mas que se deu mal e não pôde apresentar nada por es-

crito do governo brasileiro. Ao meu representante veio com o mesmo atrevimento: «que a Sociedade de Hamburgo, provavelmente, ainda compraria tudo de mim! Mas a mentira logo veio à luz do dia — por parte da direção da Sociedade ou direção de Joinville, veio uma carta dirigida ao pastor evangélico Pastor Runte em Badenfurt e através deste às mãos do Pastor Faulhaber na cidade de Blumenau, de que a «Sociedade nunca se sujara com o nome Stutzer».

Já em fevereiro de 1888, depois que em 1885 e 86 em Blumenau representou seu papel duvidoso e teve que abandonar, apareceu por lá, desta vez como encarregado da «Cia. Colonizadora de Leipzig» para comprar maiores áreas de terras do governo e particularmente no Itajaí, e depois iria ao Paraguai e em Blumenau aliciaria colonos alemães para este país. Nada se deu com estes negócios, nem mesmo a compra de 50.000 ou mais Morgen de terras, que há tem-

pos havia recomendado a Stutzer e eram baratíssimas. Mas os proprietários, já espertos, exigiram um pagamento adiantado de 10.000 marcos! Ou garantia suficiente Stutzer tinha que apresentar, e ambas as coisas, Stutzer não podia ou não queria fazer. Ele deixou Blumenau rapidamente e tinha seus motivos: estava ameaçado de ir para a prisão por um processo por estelionato! Antes de sua saída de Blumenau, em início de 1886, com a ajuda de um tabelião, igualmente trapaceiro, mais tarde processado e demitido, vendera ilegalmente diversos lotes, que ainda não haviam sido pagos as respectivas taxas de compra e por isto acusado judicialmente. No distrito de Blumenau, uma vez não presente, e devido o complicado andamento dos processos brasileiros, agia em alguns distritos mais afastados e, mesmo na própria capital, estivera sem ser incomodado para depois seguir para a Alemanha.

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Homenagem ao Dr. Hermann Blumenau na data de seu falecimento

Dia 30 de outubro último, às 10 horas da manhã, reuniram-se numerosos alunos da Escola Básica "Barão do Rio Branco", juntamente com autoridades e convidados, no Mausoléu Dr. Blumenau, para a realização de importante solenidade: prestar homenagem à memória do fundador, no dia do aniversário de seu falecimento, ocorrido a 30 de outubro de 1889. A homenagem constou de alocações pelos alunos daquela escola, bem como várias encenações revivendo

a odisséia do fundador e também dos primeiros imigrantes que aqui aportaram. A iniciativa da direção daquela escola, causou profunda emoção a todos os que compareceram ao ato, tendo sido justos os cumprimentos recebidos pela diretora do estabelecimento professora Ilse Schmider, as professoras das classes presentes, assim como os fartos aplausos que receberam os estudantes que realizaram as encenações históricas.

A figura de Fritz Müller é exaltada na Câmara dos Deputados

O deputado blumenauense Renato de Mello Vianna, em pronunciamento na Câmara de Deputados fez referência a um artigo escrito pelo jornalista e escritor Moacir Werneck de Castro, publicado no Jornal do Brasil e que se refere ao naturalista Fritz Müller. Em seu pronunciamento, Vianna reafirma a importância do acervo de estudos deixados pelo conceituado naturalista, expressando-se com as seguintes palavras:

“Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados.

“FRITZ MÜLLER — O PRÍNCIPE DOS OBSERVADORES.”

Li com muita atenção e por isso registro com imensa alegria, pedindo que seja transcrito nos anais desta Casa, o artigo de autoria do escritor e jornalista MOACIR WERNECK DE CASTRO, publicado na edição de sábado, 2.11.91, à página 11, do 1º. caderno, do Jornal do Brasil, intitulado: O Fritz que nos coube.

Ao fazer alguns comentários a recente visita do chanceler HELMUTH KOHL ao Brasil, valeu-se com muita felicidade o ilustre escritor, para distinguir a bravura, tenacidade, dedicação e cultura do sábio Fritz Müller, naturalista e biólogo, que ajudou a construir e enaltecer com seu talento a colônia fundada por Hermann Blumenau, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Construiu uma modesta residência e estabeleceu-se às margens do rio Itajaí-Açu, no principal acesso à cidade, onde hoje se acha localizado o Museu Ecológico Fritz Müller. Além de seu devotado amor à natureza, evidenciado pelo cuidado em colecionar borboletas e catalogá-las, com suas mãos, plantou várias espécies de árvores ao redor de sua casa, classificando-as pelo nome científico. Quando se deslocou para Florianópolis, para lecionar no Liceu, teve oportunidade de dedicar-se a um estudo profundo sobre a evolução do “camarão”, colhendo informações valiosas que se apressou, com inúmeras outras, resultados de suas experiências, a transmitir ao renomado “DARWIN”, que, com justiça, o congnominou de “O PRÍNCIPE DOS OBSERVADORES”.

O exemplo de Fritz Müller e dos 17 primeiros imigrantes alemães que construíram Blumenau e colonizaram o Vale do Itajaí, defrontando-se com todas as espécies de perigo, desde o ataque dos silvícolas, as intempéries, as epidemias até o fenômeno cíclico das enchentes que pela voracidade das águas, com volúpia, destruía as plantações e os primeiros investimentos na colônia.

Diante da crise que se abate sobre o País, muitos brasileiros

preferem arriscar a sorte em outros continentes, na esperança de que as coisas sejam mais fáceis do que aqui.

Perguntado sobre o assunto, respondeu HELMUTH KOHL: "É duro você refazer toda uma vida. Basta perguntar ao povo de Blumenau o que passaram seus antepassados."

Vale, pois, por sua atualidade a transcrição na íntegra do artigo referido, que anexamos ao presente pronunciamento.

"O FRITZ QUE NOS COUBE

Moacir Werneck de Castro

O chanceler Helmut Kohl externou algumas impressões sobre o Brasil, que fogem ao convencionalismo diplomático do tipo "estreitar os laços" etc. Sente-se que a visita, preparada com cuidado, lhe causou um impacto forte, seja pelo esplendor e majestade da nossa natureza, em Foz do Iguaçu ou na Amazônia, seja pelo contato com os problemas sociais brasileiros, com "as enormes disparidades entre ricos e pobres", como disse em entrevista a Kristina Michahelles (JB, 30/10/91). Chefe do governo de um dos países mais ricos do mundo, ele lembrou, para nos dar ânimo, que ainda há menos de 50 anos a Alemanha era um país em ruínas, arrasado pela guerra, sofrendo fome e frio, pobreza e desespero.

Interrogado sobre o que pensava dos brasileiros que emigram em busca de uma vida melhor, o Kanzler advertiu que "no exterior as coisas não são mais fáceis que aqui". Registro a opinião, em parte coincidente com a que expressei em artigo neste jornal. Escrevia eu que é ilusão procurar refúgio em países ciumentos dos privilégios da riqueza e tomados por uma onda de xenofobia.

O que me chamou particularmente a atenção foi este comentário adicional de Helmut Kohl: "É duro você refazer toda uma vida. Basta perguntar ao povo de Blumenau o que passaram seus antepassados." Explique-se: andei ultimamente voltado para o estudo dos primórdios da colonização alemã no Vale do Itajaí. Herr Kohl esteve por lá e reviveu esses tempos difíceis. Comoveu-se no encontro com os descendentes dos patrícios e abriu com inusitada presteza os cordões da bolsa, doando 200 mil sólidos marcos para a restauração do prédio da antiga prefeitura, onde devera funcionar um Centro Cultural Brasil-Alemanha.

Entre os pioneiros da colonização germânica destaca-se a figura do naturalista (botânico, zoólogo) e biólogo Fritz Müller, que emigrou para o Brasil com 30 anos, em 1852. Viveu 45 anos sem sair de Santa Catarina, sendo 11 em Desterro, a atual Florianópolis, e os restantes na colônia fundada pelo doutor Hermann Blumenau à margem do Itajaí-Açu, na confluência do Ribeirão da Velha.

Falando na inauguração da estátua de Fritz Müller em Blumenau, em 1929, Roquette-Pinto fez um belo elogio desse cientista, que se tornou conhecido na Europa depois da publicação de seu livro sobre o evolucionismo (*Für Darwin*, Leipzig, 1864), logo traduzido para o inglês. Disse o nosso antropólogo, então diretor do Museu Nacional:

"No dia em que for mister escolher uma figura para representar o **colono**, em tudo quanto essa palavra contém de fé, de ardoroso interesse pela terra, de coragem e de firmeza, não é preciso buscar outro tipo, entre tantos que existem no Brasil (...), aí o temos nesse homem raro, que conhecia o segredo de manusear as frágeis borboletas com os dedos calosos, que o machado e o enxadão jamais conseguiram inutilizar para as delicadezas do microscópio."

Era uma vida dura a desses pioneiros, numa região de floresta virgem, em meio ambiente ao qual não estavam acostumados. Tinham de construir suas choças com as próprias mãos, utilizando como material troncos e ripas de palmeiras, amarrados com cipós. A comida era escassa e pobre. Abriam clareiras para cultivar as primeiras roças. Havia cobras venenosas e onças. Os "bugres" Coroados, até então senhores absolutos da terra (cedida aos colonos alemães por um convênio com o governo imperial), atacavam de vez em quando, principalmente para se apropriar da deslumbrante novidade tecnológica que eram os machados e fações.

A Alemanha se desinteressava da sorte dos seus emigrantes. "Não tenho nenhuma curiosidade em saber como vai essa gente que sacudiu o pó da pátria", dizia Bismark. Um jornal de Berlim escreveu para indignação dos colonos: "Até quando a Prússia permitirá a exportação de escravos para o Brasil?" A emigração acabou praticamente impedida, levando quase ao desespero o doutor Blumenau.

As agruras que "essa gente" passou foram tremendas. Surgiram problemas diversos, no processo de uma difícil aculturação, inevitável no curso dos anos, mas obstada pelo vivo sentimento do germanismo, o **Deutschtum** sobretudo expresso no apego à língua e aos costumes que continuavam ligando os expatriados à terra natal.

Depois de desgostos que afetaram profundamente Fritz Müller, Haeckel tentou convencê-lo a voltar para a Alemanha. Outros insistiram. Tudo inútil. Era tarde demais. O Brasil o absorvera. Chegou a meter-se nas lutas políticas locais, reflexo, em Santa Catarina, da revolução federalista. Foram poucos os que retornaram à pátria. "Por nada deixaríamos o nosso mato para voltar à civilizada Europa", (dizia um deles. "Aqui somos donos do nosso pedaço de terra", explicava outro.

Alemães transplantados aparecem como personagens em romances brasileiros. Entre outros: **Canaã**, de Graça Aranha; **Amar, verbo intransitivo**, de Mário de Andrade; Um rio imita o **Reno**, de Viana Moog; **O tempo e o vento**, de Érico Veríssimo; **A ferro e fogo**, de Josué Guimarães. Mas não creio que nenhum personagem de ficção (nem mesmo a deliciosa professorinha do misto de romance e documento que é **Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**, de Ina von Bingen) encarne uma história tão fascinante como a desse Fritz que nos coube na vida real.

Com toda razão Roquette-Pinto o escolheu como paradigma do colono alemão. Foi um admirável operário da ciência, um humanista, um ecologista, a cuja memória e obra os meios culturais contemporâneos, tanto no Brasil como na Alemanha, não têm dado o merecido valor.

A família Rachadel em Santa Catarina

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e Geo-
gráfico de Santa Catarina

Os genearcas parecem ter sido o Vigário Antônio Roxadelli e o lavrador Antônio Richiadel, seu parente (1). O patronímico correto seria Ricclarcelli, de origem italiana (2). Não se afirma com precisão qual seria o parentesco, mas temos para nós que se trata de um filho do dito padre italiano.

Depois disso, surgem uns irmãos na Ilha de Santa Catarina: Antônio, Elias José, Francisco José e Vicente José Rodrigues Roxadel (3). Todos eram filhos de Domingos Antônio Roxadel e de Antônia de Sousa, netos maternos de Salvador de Sousa Brito, natural da Ilha Grande, e de Teodósia Rodrigues Velha, natural do Rio de São Francisco do Sul. O primeiro Antônio Rodrigues Roxadel, era natural de Paranaguá (4). Salvador de Sousa era cunhado de Manoel Manso de Avelar, uma vez que a mulher deste, Urbana Rodrigues Velha (5), também natural do Rio de São Francisco do Sul, era irmã da dita Teodósia, sendo ambas filhas de Manuel Velho Rangel e de Isabel Rodrigues de Mira. Ocorre, porém, que uma Isabel Rodrigues Velha fora também casada com o Capitão Luiz Rodrigues Cavallinho, genro de Manoel Lourenço de Andrade, o capitão e povoador principal de São Francisco do Sul (6), o que traz certa confusão ao assunto, se lembrarmos que o dito Cavallinho foi casado, outrossim, com Paula Moreira (7). Cremos que a confusão seria desfeita se Isabel Rodrigues Velha fosse a primeira

mulher de Cavallinho, sendo Paula Moreira a segunda, até pela sua conhecida juventude (8). Mas, como a supérstite teria sido a Paula Moreira, segunda mulher, somos forçados a concluir que Isabel Rodrigues Velha fosse filha do primeiro casal de Luiz Rodrigues Cavallinho, morto em 1659, provavelmente com mulher de mesmo nome.

Mais tarde, aos 26.2.1752 (9), vamos encontrar, na Ilha de Santa Catarina, de onde era natural, o Jerônimo Roxadel, casado com Maria Mardanela, natural do Rio de São Francisco, segundo o batismo do filho Francisco, tendo por padrinhos Miguel de Siqueira Castelhana, casado nesta Ilha, e Faustina, mulher de João de Siqueira, todos moradores no Rio de Rationes.

Por essa época, outrossim, ou, mais precisamente, aos 14.7.1753, vamos encontrar Antônio Rodrigues Roxadel (v. supra), morador em São José da Terra Firme, casado com Maria Clara, filha do Alferes Francisco Dutra de Faria (10) e de Maria de Faria, naturais da Ilha do Faial, de acordo com o batismo dos gêmeos Manoel e Luiz (11).

Aos 3.4.1797 (12), foi sepultada Felisbina, de 3 anos de idade, filha legítima de Domingos Antônio Rochadel e de Maria Joaquina. Tratava-se de um neto de mesmo nome, pois, entre 1720 e 1726, casou Antônia de Sousa (v. supra), viúva de Domingos Antônio Roxadel — «Rachadel», está grafado —,

com Luiz Martins, natural do Algarve, tendo por testemunhas Martinho de Amorim e Francisco Antônio Branco (13).

Na Capela de S. Miguel da Terra Firme, vamos encontrar, aos 25.1.1801 (14), Manoel Antônio Raxadell, filho de Antônio Roxadell e de Rosa Joaquina, casado com Ana Rosa de Jesus, filha de Manoel da Ponte e de Brízida Rosa.

E, por fim, em 1895 (15) encontra-se um Francisco Rachadel, no atual Município de Antônio Carlos, signatário de um recibo dessa data e morador na confluência do Rio Rachadel com o Biguaçu.

Antes disso, porém, vamos encontrar em São Francisco do Sul, talvez morador de Itajaí, da Barra

Velha ou da Penha, um Lourenço Antônio Pontes Rochadel, casado com Laurinda Rosa de Jesus Machado, cuja filha Teresa Antônio da Conceição Roxadel foi casada, por seu turno, com Joaquim José de Sousa Pontes, filho de João Coche de Sousa e de Clara Joaquina de Vargas, conforme batismo da filha Rita, aos 28.5.1864, pelo Pe. Carlos Boegerhausen, da Colônia D. Francisca (16), de 18 dias, tendo por padrinho o Alferes Antônio Pinheiro Ribas e a invocação de N. S^a. da Graça.

Na atualidade (17), encontramos membros da família Rochadel em Blumenau e em Joinville, havendo ainda a variante Rachadel para Joinville e São José.

(1) — Cf. RAULINO REITZ, *Alto Biguaçu*, 1988, pp. 196-198.

(2) — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, *Hist. de S. Francisco do Sul*, p. 67

(3) — Cf. O. R. CABRAL, *Raízes Seculares de Santa Catarina*, 1953, p. 115

(4) — Id. ib.

(5) — Cf. HENRIQUE DA SILVA FONTES, *A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu Hospital, e Aqueles que o Fundaram*, 1965, pp. 42-43.

(6) — Cf. O. R. CABRAL, *Hist. de Santa Catarina*, 1970, p. 47

(7) — Cf. L. GUALBERTO, *Fundação da Cid. de S. Francisco do Sul*, *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de Santa Catarina*, Vol. I, 1902, p. 68.

(8) — Cf. C. DA COSTA PEREIRA, *Hist. cit.*, p. 54

(9) — Primeiro livro de batismos da Matriz de N. N^a. do Desterro

(10) — V. CABRAL, *Raízes cit.*, p. 43

(11) — Primeiro livro de batismos cit.

(12) — Primeiro livro de óbitos da Matriz de N. S^a. do Desterro

(13) — Primeiro livro de casamentos da Matriz de N. S^a. do Desterro

(14) — Primeiro livro de casamentos da Capela de S. Miguel da Terra Firme

(15) — V. RAULINO REITZ, *ob. cit.*, p. 205.

(16) — Livro n. 14 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça do Rio de S. Francisco Xavier do Sul

(17) — Lista telefônica de 1990

A Liga Blumenauense de Futebol é cinquentenária

Neste ano de 1991, a Liga Blumenauense de Futebol, registra a passagem de seus cinquenta anos de fundação. O evento aconteceu no dia 12 de janeiro de 1941, por iniciativa de três amigos e companheiros de lides esportivas: Benjamim Margarida, Willy Pawlowski e o Capitão Newton Machado Vieira. Para concretizar aquele objetivo, os três fundadores contaram, como é natural, com o apoio dos clubes então existentes e atuantes na época, dentre os quais destacamos o Grêmio Esportivo Olímpico, o Palmeiras Esporte Clube, e E. C. Vitória, etc.

Desde então, a Liga Blumenauense de Futebol, que teve algumas alterações em sua denominação, orientou o desenvolvimento

do futebol na região do Vale do Itajaí, tendo filiado clubes de outras cidades, como o antigo Brusquense, o Paysandu também de Brusque, o Marcílio Dias, o Almirante Barroso ambos de Itajaí, o União de Timbó, o Vasto Verde e o Guarani de Blumenau, além de outros.

Hoje, a Liga Blumenauense de Futebol continua prestando assinalados serviços ao esporte amador, ou seja, o futebol da Segunda Divisão, realizando empolgantes campeonatos que mobiliza os aficionados do futebol da segundona.

Na oportunidade deste registro, as nossas homenagens aos fundadores, dois dos quais, Pawlowski e Machado Vieira, já são falecidos.

Enéas Athanázio é citado na imprensa paulista

Na edição do dia 02 de novembro corrente, do jornal "Folha de São Paulo", à página 2, deparamos com o trabalho do cronista Otto Lara Resende, conceituado intelectual. Nesta crônica, ele se refere a notáveis epistológrafos, como Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e outros. Num certo trecho de seu escrito, ao se referir a Godofredo Rangel, Resende diz textualmente o seguinte:

"O paulista e o mineiro ti-

nham temperamentos diferentes, quase opostos. Lobato, empresário, cosmopolita, tagarela. Rangel, um bicho de concha, tímido, taciturno. Enéas Athanázio lembrou-o em "O Amigo Escrito", título da biografia que publicou e que tem a ver com a epígrafe de Monteiro Lobato: — "Não somos amigos falados, somos amigos escritos". Lobato saiu de Taubaté e andou pelo mundo. Rangel viveu e morreu em Minas. Só se viram quando estudantes em São Paulo".

X CONGRESSO NACIONAL DE ÓPTICA OFTÁLMICA

20 a 24/08/91

Um dos Congressos mais importantes e movimentados que aconteceram em Blumenau durante o ano de 1991 foi, sem dúvida, o Décimo Congresso Nacional de Óptica Oftálmica, o qual reuniu numerosos participantes e foi desenvolvido sob um clima dos mais agradáveis, tanto pelo entusiasmo como pela participação ativa de todos os congressistas.

A repercussão do sucesso do evento e de sua organização impecável, foi das mais vastas. A revista MUNDO ÓPTICO, com circulação em todo o país, editou ampla reportagem sobre o acontecimento, da qual vamos reproduzir alguns tópicos, atendendo tão somente ao acondicionamento dentro do espaço a ser ocupado nesta edição. No título, a revista diz: — "BLUMENAU, VALEU A PENA! E no sub-título:

"Com a realização do X Congresso Nacional de Óptica Oftálmica na cidade de Blumenau, ficou evidente a importância de Congressos e Seminários que tratam de temas do setor e também o valor da cidade dentro do Mercosul. Avaliado pelos organizadores, participantes, expositores e palestrantes, o resultado final foi um evidente sucesso.

Referindo-se, noutro trecho, à cidade de Blumenau e à hospedaria, a revista diz:

A Abertura

Durante a abertura do X Congresso Nacional de Óptica Oftálmica, o Prefeito de Blumenau Sr. Vitor Fernando Sasse, ressaltou a importância da cidade de Blumenau dentro do Mercosul

e, por conseguinte, a importância da Óptica Oftálmica para a cidade, impulsionando não só a tecnologia de ponta, mas também a integração com os países que constituem o Mercosul — Argentina e Uruguai, e conclamando os ópticos do país a se integrem, com seu trabalho, neste imenso esforço para levar o país aos patamares do desenvolvimento.

Presidiu a mesa o sr. Rubens Heusi. Estiveram presentes o Secretário Municipal de Turismo, Amauri Cadori, Presidentes de entidades ligadas ao ramo óptico: Alcidino Eduardo Fernandes (ACOSC), Wanderley Azevedo de Sousa (ABCI), Francisco Maia (Sindicato dos Ópticos do Rio Grande do Sul), o editor da Óptica Revista, André Meggyesv, Paulo Paraguassu, editor da Revista MUNDO ÓPTICO, além dos palestrantes: Nildo Scussel, Adelino Miranda, Eliazer Lopes Moura, Darcy Jacob da Silva e o Dr. César João Cim, promotor público.

A cidade

Blumenau é uma cidade muito bonita, extremamente limpa e organizada. O tempo ajudou, pois foram dias de muito sol e calor.

Saidas à noite para restaurantes com música ao vivo e comidas deliciosas foram constantes.

Os Hóteis

As pessoas que foram ao Congresso puderam se hospedar no Grande Hotel Blumenau, Garden Terrace Hotel, Himmelblau Palace Hotel, Hotel Baviera, entre

outros. Prestando um serviço de primeira qualidade. O destaque ficou para o Grande Hotel Blumenau onde foram realizadas a abertura do Congresso, palestras, seminários e o jantar, com o baile de encerramento. Estão de parabéns desde o Reginaldo e o pessoal da portaria até a Diretoria, Marise Goemann e Adolfo Ern Filho.

As Palestras

As palestras foram bastante interessantes e levantaram sempre assuntos atuais. No primeiro dia (22 de agosto), Nildo Scussel falou sobre "Psicologia de Vendas" e Adelino Miranda sobre "Montagem de Óculos". No dia 23, falaram Eliazer L. Moura, sobre "Surfaçagem" e Darcy Jacob da Silva sobre "Lentes Oftálmicas". O último dia foi preenchido pela palestra que causou maior impacto no público: "Código de Defesa do Consumidor" — dada pelo promotor Dr. César João Cim, que respondeu as perguntas sobre a relação varejista versus atacadista.

Referindo-se, mais adiante, aos seminários que ocorreram dentro da programação do X Congresso, MUNDO ÓPTICO diz:

Cerca de 160 pessoas participaram dos seminários (Surfaçagem e Montagem, Contatologia, Estética, Óptica e Optometria).

A parte prática do seminário de Surfaçagem e Montagem foi realizada no Pavilhão A da Proeb. Todo o seminário foi realizado por Jorge Haubrich e Nelson Prado Leite.

Um dos seminários mais concorridos foi o de Optometria, ministrado por Alexis Fedosseeff.

O seminário sobre Contatolo-

gia, dado por Margareth Sobrosa, reuniu pessoas de lugares distantes que começam a lidar com lentes de forma mais intensa.

Segundo Jorge Haubrich que, com Nelson Prado Leite, ministrou o seminário "Surfaçagem e Montagem", "senti a turma muito ansiosa para aprender, assim tentamos fazer tudo de melhor dentro do curto prazo, e o rendimento foi muito bom, segundo alguns participantes. Contudo, a iniciativa precisa ser mais lapidada, mas foi boa. Acredito que estes seminários deveriam ser mais constantes".

Para Margareth Sobrosa, que falou sobre "Contatologia", "o seminário começou com poucas pessoas e depois houve um entusiasmo muito grande e o número de participantes aumentou, tornando o aproveitamento muito bom."

"O melhor de tudo foi que as pessoas viram que é possível trabalhar com lente de contato, não tem ministério, é uma forma de criar um elo entre o cliente e a ótica, além de despertar o óptico a refração, pois a lente obriga a sobre-refração. Em suma, acredito que em todos os congressos deveria haver seminários".

"Os alunos estão ansiosos para entrar no trabalho", isto foi o que sentiu Alexis Fedosseeff, que ministrou o seminário "Optometria". Para o professor, "os optometristas têm que fazer tudo para melhorar a visão das pessoas. Nosso trabalho é de artesanato, é um trabalho extremamente humano e social e a reciclagem é fundamental. Sem contar que o seminário reforçou a questão de que nosso trabalho nada tem com os médicos, somente dependemos do consentimento de quem é examinado, nada é imposto. Esta-

mos todos, alunos e professores, lutando para melhorar a proliferação”.

O Seminário de Estética Óptica foi dado por Rudi Félix Brock, que ressaltou: “foi gratificante, não esperava que os alunos tivessem tamanho aproveitamento. Plantei uma sementinha, pois foi o primeiro Congresso de Óptica Oftálmica que reconheceram a estética”.

“A pauta foi inédita, porque foi mostrada que estética é harmonia, conforto, emoção, sensação, e não moda. Estética envolve partes técnicas, sociais, psíquicas, clínicas.

“Quero participar de outros congressos para transmitir o meu conhecimento pessoal, como foi neste seminário.”

Além do X Congresso Nacional de Óptica Oftálmica, fez parte do mesmo o Centro Comercial de Indústria Óptica, no Pavilhão A da PROEB. Todos os setenta stands estavam ocupados e os visitantes que, de 22 a 24 de agosto circularam pela PROEB manifestaram-se com entusiasmo e admiração por tudo que lhes foi dado ver, pela grande diversidade de produtos e os lançamentos de modernas armações, que na opinião geral, foram muito bons.

Referindo-se ao inquestionável sucesso do X Congresso, o Coordenador Rubens Heusi, a quem se deve grande parte deste mesmo sucesso no que concerne à

sua perfeita organização, respondendo a uma pergunta da reportagem da revista MUNDO ÓPTICO, diz textualmente:

“O Congresso? Simplesmente maravilhoso, chegamos aonde pretendíamos chegar. Trazer esse mundo de gente, do Brasil inteiro, da Argentina, Paraguai e Uruguai e conseguir fazer uma exposição totalmente diferenciada, fazendo com que ela estivesse permanentemente repleta. Ouvimos os maiores elogios por parte dos expositores. Eu acho que chegamos lá. Trouxemos aqui, entre seminários, congressistas, expositores e vendedores de óculos cerca de 1.500 pessoas.

“Espero que o próximo seja maior e melhor. Temos a idéia de que trazendo um congresso para uma cidade do interior, ele se torna muito maior, porque o calor humano é maior, a disponibilidade de tempo é maior, enfim, uma série de coisas. E eu sugeri ao Chico Maia que, fazendo o próximo congresso em Gramado, ele conseguirá fazer um congresso maior que o nosso.”

“Aproveitando o momento, gostaria de agradecer à toda a equipe do **Mundo Óptico** que, sem dúvida nenhuma nos deram uma força enorme. Eu diria que vocês têm um percentual, enorme neste sucesso. O **Mundo Óptico** soube como ninguém cativar os ópticos do Brasil, fazendo todo aquele trabalho, contando a história da cidade até chegar ao Congresso. À vocês, o meu muito obrigado”.

REMINISCÊNCIAS — mais um pouco do passado

Da nossa assidua e antiga leitora Ana Maria Koprovski Garcia, residente em Santos, recebemos atenciosa carta cujo conteúdo muito nos sensibiliza. Depois de registrar a remessa do pedido de renovação da assinatura da revista, ela confirma dizendo: "Junto com a renovação de minha assinatura para 92, aproveito para contar algumas reminiscências de minha infância e adolescência na Blumenau natal."

Já tive muita vontade de escrever-lhes quando li os artigos de Rui Moreira da Costa (Um Luso-Brasileiro em Blumenau). Quase contemporâneos, os nomes e situações que ele relembra no agradável tom de "Conversa entre amigos", me soam tão familiares: os professores Müller e Kreibich, no Colégio Sagrada Família (1ª turma de ginásianas que se formou em 1948 com pombas de grau superior), Dona Ruth Zimmermann, minha professora no 3º ano primário e minha madrinha de crisma, um anjo mesmo.

Tantos nomes de colegas mais adiantados, mas que estão na minha memória: Joca Meinecke, meu vizinho, Aiga Barreto, figura admirada mesmo pelos que não participavam de seu círculo. Era amiga de Osni Jacobsen e aí chego ao ponto em que, acredito, contribuí para os "agitos" da minha cidade, antes de deixá-la, aos 17 anos, com minha família para São Paulo.

O Osni mantinha um "rádio-teatro" com peças só para atores, pois vozes femininas não havia na Rádio Clube PRC — 4 quando o conheci. Eu trabalhava no escritório da rádio à tarde e fazia o 4º ano ginasial de manhã. Tinha 16 anos. Meu trabalho era datilografar as extensas listas do "Peca Sua Música", programa noturno onde a população homenageava seus amigos e familiares, oferecendo-lhes músicas e anunciando nomes e eventos. Como o número de músicas era restrito ao horário de programação, cada uma tinha, às vezes, mais de 10 dedicatórias, que precisavam ser relacionadas para que o locutor Pereira Júnior (dono da "voz fatal" e "R" rrrradiofônico) pudesse lê-las. Desfilavam "Saudades de Matão", valsas de Strauss, "Cavalo Baio", Carlos Galhardo — o cantor preferido, muitas músicas alemãs, etc. Se ainda existirem, essas listas podem demonstrar o gosto musical da população na época.

Mas a rádio tinha uma discoteca maravilhosa e através dela conheci e gostei da música clássica. Lembro-me de um dia, aniversário de meu chefe. Pensando que ele não viria, fui ouvir sozinha no estúdio a "Peer Gynt Suite" de Grieg e ele me flagrou ali, maravilhada e esquecida da máquina de escrever. Era de poucas palavras, mas gentil e educado. Deve ter se divertido com o meu constrangimento. O nome dele acho que era Hélio: dele eu só sabia que era rádio-amador e da família dos donos da rádio. (1) O Pereira Júnior, às vezes, almoçava bem exagerava nos drinques e tinha dificuldade em fazer a programação da tarde. Num desses dias, ausente o também locutor Jenner Reinert, fui incumbida de fazer a locução e tornei-me a primeira voz feminina da Rádio Clube — PRC — 4, de Blumenau! Aprendi com o Jeser Reinert (irmão do Jenner) a fazer a sonoplastia: chave para trás, só música; chave no meio, fundo musical e voz; chave pra fren-

te, só voz — e fim! Tão simples! Programas noturnos e de auditório eram proibidos para mim. Na opinião dos meus pais e de muita gente, o ambiente lá não era adequado para mocinhas de família. À tarde, e, para trabalhar, podia. Nunca vi nada de anormal por lá; todos eram amigos e tão respeitadores que chegava a não ter graça. Depois de alguns meses, já ambientada, fiz um programa à tarde: uma música pedida por telefone na hora, entrevistas (com professores e colegas como Ursula Heinrich), poesias, receitas culinárias, etc. Eu fazia tudo com um zelo feroz; ainda lembro da briga que armei com Jeser porque trocou o fundo musical do programa.

Mais tarde, para o final do ano, Osni convidou-me para seu grupo de rádioteatro, que então passaria a ter papéis femininos. Entre as moças, minha amiga Zilaye de Mattos, Myrian e Eny Abdu e outras.

Com a formatura e o nascimento do irmão caçula, fui requisitada para atividades mais urgentes e práticas e saí da rádio. Mas nunca esqueci desse curto período, menos de 1 ano, em que fui "radialista" em Blumenau. Ficaram as lembranças e algumas fotos.

Quando aos radialistas de há 30 anos, atrás, espero que o Onélio Cavaco me convide para o próximo encontro.

Por todos estes anos, mantenho-me ligada a Blumenau, visito-a todos os anos não perco o desfile da Oktoberfest. Exceto por alguns parentes, perdi todos os contados. Minha paixão é a cidade, a curva do rio, as velhas casas que subsistem, o cemitério protestante onde visitava o Opa Hahne com minha Oma Agnes e ficava lá observando nomes e datas tão antigas, num relacionamento tranquilo com o "depois".

Muitas vezes nestes anos todos assinei o livro de visitantes do Museu da Família Colonial, vi as porcelanas, cofres, objetos expostos e imaginei os primeiros donos daquilo, sua vida. Vi o cemitério dos gatos de Da. Edith Gaertner, os belos jardins do Dr. Blumenau (será que ainda se poderia investir nele, tornando a deixá-los floridos de rosas, lírios, cravos, etc.?)

Levei muitas pessoas para toda esta história que me encanta. Gostava de mostrar a "Casa do Colono, réplica que ficou exposta há alguns anos e que reproduzia o *modus vivendi* daquela gente pioneira: cabana de troncos de palmeira amarrados por cipó (o cipó preto de pular "corda" na infância e que lanhava as pernas), camas toscas, poucos utensílios tão preciosos.

Lendo "Blumenau em Cadernos" ao longo dos anos (antes a assinatura era de meu pai, Victor Kbbrowski), pude reconstituir muitas histórias e o sentido de brasilidade daqueles alemães que vieram e ficaram e de seus descendentes, amando duas pátrias: a concreta, brasileira, e a da memória ancestral, dualidade às vezes difícil de compreender.

A infância e a adolescência pude vivê-las em Blumenau, tão feliz e despreocupada que até hoje me animam a fornecer um mundo de recordações que estou contando em "Cadernos" para os netos!

Desejo que "Blumenau em Cadernos" continue sempre mais atuando no sentido de restaurar a história, de fornecer aos nossos

descendentes à memória viva da região em que nascemos. Um abraço a todos. Anna Maria Koprowski Garcia — Rua José Clemente Pereira, 22 — Apto. 12 — 11.070 — Santos — São Paulo”.

(1) — Nota do editor — O nome do gerente da Rádio Clube ao qual a nossa leitora Anna se refere, deve ser o de Flávio Rosa (ela supôs Hélio), pois Flávio Rosa, já naqueles tempos, era rádio-amador e também atuava na administração técnica da PRC — 4.

Que outros leitores blumenauenses que aqui residam ou que se encontrem por este Brasil afora, se animem a registrar no papel algumas memórias de sua vivência na cidade natal. As nossas páginas estarão sempre à disposição. Acolheremos com alegria a colaboração de todos os que se propuserem a resgatar a nossa memória histórica, como é o caso de Anna Maria Koprowski Garcia e outros que já estão colaborando.

Um pouco da História de Apuína.

(Transcrito do livro de Miguel Deretti “Apuína nos meus Apontamentos”)

ANIMAIS FEROCES E SERPENTES VENENOSAS

“A terra acordou-se com o alarido de caça de animais e de homens”. (Raul Bopp).

Além das serpentes, havia o perigo do tigre, do leão e da onça veadeira. As pessoas picadas pelas jararacas ou jararacuços, geralmente sucumbiam pela falta de recursos. Algumas procuravam remediar o apuro da situação, valendo-se de anti-Ofídicos bem primitivos: água de bananeira, querosene, cachaça...

O tigre dilacerava violentamente os animais domésticos e ainda investia contra as pessoas. Em Piave, um senhor de nome Negherbon, foi devorado. Para caçar o citado animal, os primeiros habitantes preparavam-lhe original armadilha: um rancho

reforçado de palmitos. A porta ficava alevantada à guisa de alçapão. No fundo amarravam um cabrito ou uma ave doméstica. Quando o tigre tentava atingir a presa, a portinhola, adrede preparada, caía com rapidez, vendose então o animal prisioneiro. Matava a isca, mas, amuado não a comia, por se reconhecer cativo.

Conta-se de um senhor que foi curiosamente espiar o animal pelo teto desta armadilha e não levou a melhor parte. O tigre enraivecido saltou, com uma patada fulminante arrancou-lhe o chapéu da cabeça, aplicando-lhe indelével arranhão no nariz.

(*) O sr. Jacó Dreusch, morador do interior das matas, longe de qualquer recurso, viu desesperado sua filha Albertina ser picada no dorso do pé por enorme jararacuçu. Jacó, entre o amor de pai e o zelo pela vida da filha, depois de instantes de exitação, tomou de um facão e decepou metade do pé de Albertina. Heroísmo de pai? E a mãe que tudo presenciara? Seguidamente fizeram-se todos os curativos caseiros. Cozimento de aipo e picão eram os medicamentos. O fato é que Albertina sobreviveu, sendo mais tarde competente professora em Santa Rosa, neste distrito.

Aconteceu...

Outubro de 1991.

— DIA 1º.

— No Salão de Festas do Clube Blumenauense de Caça e Tiro, foi aberta a exposição “Arco-Iris” expondo os cartazes que divulgaram a I Feira de Ciências de Blumenau, e a II Coletiva de Arte Estudantil, confeccionados em papel reciclado e com trabalhos artísticos dos alunos da rede de ensino de Blumenau.

— DIA 2

Na FURB aconteceu a abertura da Exposição Itinerante da “Gráfica Arte Internacional”, na Biblioteca Central, cujo evento alcançou pleno sucesso.

— Foi aberto o VIII Concurso Fotográfico “Meio Ambiente Catarinense”, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e com exposição no Museu de Ecologia “Fritz Müller”.

— Segundo divulgou o Serviço Municipal de Trânsito, com relatório apresentado ao prefeito municipal, foram registrados entre os dias 23 a 29 de setembro último, nada menos que 84 acidentes de trânsito, envolvendo 161 veículos. Feriram-se 16 pessoas, resultando ainda uma vítima fatal.

— DIA 3

— Chegaram a Blumenau as bandas de música alemães “Stadtkapelle Weissenhorn” e “Andy John Band”, para atuarem durante os 17 dias da Oktoberfest.

— Foi instituído o Concurso Vídeo Fotográfico instituído pela ARTEX, que abriu seu parque ecológico para os que desejassem filmar e fotografar a natureza e seus habitantes. Uma promoção digna dos maiores aplausos.

— No Ginásio “Paul Fritzsche”, da Associação Desportiva e Recreativa Sul Fabril, foi realizada belíssima solenidade de abertura dos I Jogos da Integração das Empresas na Região de Blumenau. Houve um desfile com a participação de 17 delegações, formando um total de cerca de dois mil atletas.

— DIA 4

— O Jornal de Santa Catarina registrou, numa reportagem, o transcurso dos 18 anos de atividade da Rede Feminina de Combate ao Câncer de Blumenau, ocorrido dia 18 de setembro. A reportagem informa que a Rede está atendendo 54 municípios e que possui, atualmente, devidamente cadastradas, trinta e sete mil mulheres.

— Na Galeria Municipal de Artes, foi concorridíssima a abertura da tradicional Exposição — a VI Foto Chopp.

— Na PROEB, aconteceu a esperada abertura da Oktoberfest, edição 1991, cujo acontecimento foi presidido pelo prefeito Victor Fernando Sasse e presenciado por centenas de pessoas. O ato inaugural aconteceu, como de costume, com a sangria do primeiro barril, chegando diretamente da Alemanha.

— No Camarote Oficial da Brahma, no Galeão, ou Pavilhão D, realizou-se o coquetel de lançamento do 1º. livro sobre a Oktoberfest, uma obra que conta um pouco mais da história da festa e da cidade de Blumenau, de autoria da escritora Marita Deeke Sasse.

— No Mausoléu Dr. Blumenau, o prefeito Victor Fernando Sasse presidiu, às 10 horas da manhã, a solenidade de abertura da 75ª. Exposição de Orquídeas e Plantas Ornamentais, promovida pelo Circulo de Orquidófilos de Blumenau, uma das mais belas promoções ocorridas dentro do evento da Oktoberfest.

— DIA 7

— No Espaço Cultural do Banco do Brasil de Blumenau, foi instalada a Exposição “Mostra Cultural Cremer”, sob os auspícios daquela empresa blumenauense. Foram expostos quadros de vistas tradicionais de Blumenau comparando e reproduzindo o antigo e o atual, bem como arquitetura enxaimel trazida pelos imigrantes e uma mostra dos produtos Cremer. A exposição foi muito visitada.

— DIA 8

— No pequeno auditório do Teatro Carlos Gomes, aconteceu a abertura do Ciclo de Violão da Escola Superior de Música, no horário das 19 horas. Houve um recital de Violão com Samuel Cardeal e o duc Daniel Krepsky e Vilson Battisti. Um sucesso total.

— DIA 8

— No Salão Nobre da Prefeitura, o Prefeito Victor Fernando Sasse recebeu a visita de duzentos atletas juvenis, pertencentes a 31 escolas municipais que foram campeões e destaques dos XVIII Jogos Estudantis da Primavera realizados de 23 de setembro a 1º de outubro. Os atletas juvenis receberam as homenagens, o agradecimento e o carinho do prefeito municipal que, em vibrante alocução, incentivou a nova geração de atletas à prosseguir com entusiasmo na prática do esporte amador para, em futuro próximo, integrarem a representação blumenauense nos Jogos Abertos de Santa Catarina e noutras competições a nível nacional e internacional.

— DIA 9

— Segundo informa a imprensa (JSC), uma entrevista conce-

dida pelo sr. Haroldo Bachmann, três pessoas em média, viciadas em álcool, procuram diariamente o Centro de Saúde, buscando seu ingresso no Programa de Atendimento e Recuperação de Viciados em Álcool, mantido pelo Centro de Saúde em convênio com o Hospital Santa Catarina.

— DIA 9

— Em comemoração ao Dia Mundial dos Correios, a Empresa de Correios e Telegráfos da região de Blumenau, abriu a Exposição de Mostra Filatélica do filatelista Frank Brack, com o tema histórico Inflação na Alemanha de 1929 a 1923. A mostra foi instalada no hall da agência central de Blumenau.

— Às 17 horas foram inauguradas as novas instalações da UTI Pediátrica do Hospital Santo Antônio, um melhoramento de alta importância para a população da região do Vale do Itajaí.

— DIA 10

— Promovida pelo Departamento de Meio Ambiente da Prefeitura, através da sua Divisão de Educação Ambiental, teve início a Feira de Livros Infantis.

— DIA 11

— Perante numeroso público que lotou os passeios ao longo da rua 15 de Novembro, realizou-se o grande desfile noturno da OKTOBERFEST. O público não regateou aplausos entusiásticos à beleza e originalidade do desfile do corrente ano. Para os turistas, sem dúvida, foi um acontecimento impressionante.

— No salão Nobre da Prefeitura, o prefeito Victor Fernando Sasse deu posse, em solenidade assistida por numerosas pessoas, ao titular da nova Secretaria, a da Criança, em cujo cargo foi empossado o sr. Waldemar Kinas, cidadão bastante conhecido e admirado pela sua atividade junto à comunidade blumenauense.

— DIA 12

— Segundo declarou o Secretário de Ação Comunitária, Salézio Stahelin, a Campanha de Vacinação Anti-rábica, realizada no mês de setembro, alcançou índice dos mais elevados, tendo sido vacinados 15.352 animais em Blumenau, representado 85% da população canina.

— O Papa João Paulo II desembarcou em Natal, para fazer sua peregrinação por diversas cidades brasileiras.

— Na Rua Belo Horizonte, bairro Garcia, realizou-se missa pelas almas dos 21 moradores daquele bairro que perderam a vida por

ocasião da grande tragédia acontecida em 14 de outubro de 1990 e que, além disso, destruiu dezenas de residências.

— DIA 15

— No Pequeno Auditório do Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se grupos de solistas da Escola Superior de Música de Blumenau, dentro da programação "Ciclo Gante da Terra".

— DIA 16

— A Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos da Prefeitura recebeu relatório técnico de engenheiros da empresa Roca, de Curitiba, sobre as condições da Ponte dos Arcos, que pertencia à antiga E. F. S. C.. Segundo o relatório, as conclusões coincidem com dados levantados anteriormente pelo engenheiro civil Luiz Carlos Gulas Cabral. Nestes dados afirma-se que a estrutura da ponte está comprometida com oxidação acentuada, fissuras e desnivelamento.

— DIA 17

Às vinte horas, desembarcou, no Aeroporto Hercílio Luiz, para sua visita a Florianópolis, o Papa João Paulo II, que foi festivamente recebido no aeroporto e na cidade por milhares de fiéis.

— DIA 21 — Com a mesma alegria e animação dos primeiros dias, foi encerrada a 8ª. Oktoberfest em Blumenau, que mais uma vez trouxe para Blumenau milhares de turistas procedentes de todo o país e da América do Sul.

— DIA 20 — Com um cerimonial colorido, foi marcada a abertura dos 31º. Jogos Abertos de Santa Catarina, sediados em Chapecó. A solenidade foi assistida por cerca de 20 mil pessoas, contando inclusive com a presença do governador Vilson Pedro Kleinubing.

— DIA 22

— A imprensa (JSC) noticia alguns resultados dos 17 dias da Oktoberfest, informando que entraram nos portões da PROEB 844.255 pessoas, que beberam 561.774 litros de chopp, média de 067 litros por pessoa, 10% a menos do que o ano passado.

— DIA 23

— Chegou a Blumenau, para uma visita de dois dias, o Chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Kohl. O ilustre visitante foi carinhosamente recebido em Blumenau desde o aeroporto "Quero-Quero", e, ao manifestar-se sobre a visita, afirmou sentir-se perfeitamente bem entre os blumenauenses.

— DIA 25

— Com um concorrido coquetel foi inaugurada a Santa Clara Veículos, concessionária da General Motors do Brasil, localizada na Rodovia BR — 470, quilômetro 59.

— DIA 28 — Os atletas blumenauenses mais uma vez confirmaram seu favoritismo ao tornarem-se campeões dos 31º. Jogos Abertos de Santa Catarina, sendo o 24º. título consecutivo, dos 27 conquistados até aqui. Foram conquistados 227 pontos, 37 medalhas douradas, trinta de prata e trinta e duas de bronze, num total de 96.

— DIA 30

— O Centro Cívico "Paulo Fritasche", da Escola Barão do Rio Branco, nesta manhã, uma homenagem aos 92 anos de falecimento do fundador da cidade, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, no Mausoléu que leva seu nome. Flores foram depositadas, além de alocações e encenações teatrais históricas por parte dos alunos daquele educandário. As autoridades do município estiveram presentes ao ato, além de numerosos populares, professores e alunos do educandário da rua Nereu Ramos.

HISTÓRIA, FATOS E COMENTÁRIOS

DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

W. J. Wandall

Tendo como hábito, nos meus momentos de folga, procurar enfronhar-me nos assuntos relacionados à História do Vale do Itajaí, deparei com vários escritos a respeito do relacionamento entre nacionais e imigrantes, nos primórdios da colonização desta região catarinense e a evolução do mesmo no correr do tempo, face aos movimentos mundiais acontecidos em décadas passadas, com reflexos aqui em minha terra natal.

Analisando ditos trabalhos, veio-me à mente algumas reminiscências de infância. Eu não me conformava de meus pais terem matriculado-me no Grupo Escolar Pedro II, localizado deveras distante, de onde residíamos quando bem próximo encontrava-se o Grupo Escolar Luís Delfino. Eu precisava andar uma distância três vezes maior para ir à escola. Não fazia sentido para mim tal coisa.

Também me era inexplicável por que, ao se encontrarem os alunos dos dois educandários, via de regra, achincalhes eram trocados; me parecia estar a justificativa no bordado existente no bolso da camisa do uniforme: nós, do Pedro II, usávamos as letras PS e por tal razão apelidávamos de "Papa sapo", enquanto os do Luís Delfino apresentavam-se com as letras LD e eram alcunhados de "Ladrão de dinheiro".

Como naquele tempo as comunicações restringiam-se a algumas horas de transmissão de radiodifusão, mas, a grande maioria da população não dispunha do aparelho receptor e jornais, como até hoje, não eram muito lidos, nós crianças vivíamos em nossa inocente e total ignorância de muitas coisas importantes, envolvido a sociologia de antanho.

Outro detalhe a aguçar a minha curiosidade era, também, notar-se que a maioria de meus co-

legas de escola descendiam de alemães, sendo reduzido o número de brasileiros. Já com os alunos do Luís Delfino dava-se o inverso. A quase totalidade discente compunha-se de filhos de brasileiros, sendo mínimo os descendentes de alemães.

Tanto o colégio dos padres como o das freiras, como denominávamos então, os atuais Colégios Franciscanos Santo Antônio e Sagrada Família, não participavam aqueles alunos de tais achincalhes, pois, neles encontravam-se os filhos da classe rica de Blumenau, da época, a cujos alunos, nós da pobreza, não tínhamos acesso.

Eu me mantinha, no entanto, na inocente crença de que fora matriculado no Pedro II, em função das constantes afirmativas de meus pais de ser aquele grupo a melhor escola para mim, a qual eu iria aprender a escrever, ler e falar o alemão corretamente e por ser um dos melhores estabelecimentos de ensino para os pobres, devido funcionar de acordo com os usos e costumes alemães. Só que, infelizmente, quando nele ingressei a campanha nacionalista de Getúlio Vargas e Nereu Ramos, haviam mudado completamente o sistema de ensino daquele educandário.

Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, morávamos numa das casas pertencentes a então Fábrica de Chapéus Nelsa (onde hoje situa-se o Jornal de Santa Catarina) e na mesma rua residiam algumas famílias alemãs, as quais eram constantemente assediadas pela polícia. Mas, eu não conseguia entender por que. Eram pessoas tão boas, trabalhadoras, enfim, viviam para suas famílias. Prestavam a todo instante

auxílio a nós pobres. Qual a razão de toda hora serem sobressaltados com o aparecimento da polícia?

Um fato me ficou gravado na memória: foi o ardil concebido pelo Sr. Wagner, morador fronteiro de nossa casa. Ele possuía uma loja na cidade, onde hoje se situa a Organizações Koerich, quase defronte a atual O Lapidário, comercializando molduras de fotografias e vidros em geral. Quando o Sr. Wagner chegava em casa, lá pelas sete horas da noite, desejando conversar com a família, ele dava o máximo de corda numa espécie de vitrola, tocando, em seguida e quase sempre, discos com valsas de Strauss, acompanhando o ritmo da música com um triângulo sonoro. Então, conversavam em tom baixo, cujo volume de voz era abafado para fora da casa pela música e o som estridente do triângulo.

Curioso pelo fato, eu vivia consultando meus pais para saber a razão daquele procedimento. Era totalmente anormal para mim tal atitude de nosso vizinho. Soube que, devido eles não saberem falar o português, principalmente a Frau Wagner, agiam assim para não serem pegos pela polícia, falando alemão, uma vez que naquele tempo era proibido utilizar o idioma germânico e quem não obedecesse a lei seria trancafiado na cadeia.

Presenciei, ainda, outros procedimentos, como nos famigerados desfiles pela Rua 15 de Novembro, tendo os alemães sido obrigados a carregarem nas costas um pesado boneco, além de outras práticas. Tudo aquilo não fazia sentido para mim, um menino de menos de dez anos de idade e, muito menos, eram dadas

explicações para nós de ditas atitudes.

Bem, expostas estas reminiscências, através duma carta escrita por Fernando Ostermann a seu pai, que residia na Alemanha, aquele primeiro professor público de Blumenau tece algumas considerações a respeito do relacionamento entre nacionais e imigrantes, chegados ao Vale do Itajaí à época da fundação de Blumenau. Diz Ostermann: "quando nós, alemães, entramos em contato com os brasileiros, no trato rotineiro, os mesmos mostraram-se com raríssimas exceções afáveis, cordiais, prestativos e obsequiosos para conosco.

E, se os visitamos em suas casas, geralmente não sabem o que fazer para nos agradarem, principalmente se nos expressamos no seu idioma, o que muito os agrada, pois são muito conversadores e muito orgulhosos da sua língua que acham a mais bonita do mundo. Quase sempre o brasileiro, por mais pobre, simples e ignorante que seja, mantém uma atitude cavalheiresca para com o estrangeiro e forma, muitas vezes, um contraste muito cômico quando se compara o seu aspecto exterior com as suas maneiras".

Mais adiante, Fernando Ostermann fala de como os nacionais, naquele tempo, apresentavam-se: "os cabelos compridos e negros caem-lhe em desalinho, despenteados, ao redor da cabeça e a vestimenta resume-se numa bela camisa de algodão, branca, e um par de calças, também de algodão, com ligeiras listas. Trazem, geralmente à cabeça, um chapéu de feltro ou de palha. Cavalgam com a mesma indumentária, apenas com o ridículo acrés-

cimo de uma espora num dos pés descalços. O brasileiro é sempre "gentleman" e a gente pode conviver com ele muito bem, desde que se não o trate com grosseria ou brutalidade. Infelizmente nem sempre isso sucede com os alemães".

Seguindo com a carta de Fernando Ostermann, comenta este um detalhe capaz de ter gerado uma certa inimizade entre nacionais e colonizadores. "O imigrante recém-chegado vê no brasileiro um subdesenvolvido, considerando-se a si próprio um salvador do Novo Mundo e que este só o estava esperando para tomar o impulso do seu desenvolvimento. Orgulhoso e arrogante, ele olha com pena não só os brasileiros, mas também aos seus próprios patrícios alemães aqui chegados antes dele e que lhe facilitaram a tarefa de sua adaptação. Mas, isso vai até que toma na cabeça e põe de lado o colarinho alto e engomado com que chegou aqui.

O pior mesmo é que o alemão recém-chegado não entende português e o brasileiro não fala alemão; este último, notando os ares presunçosos dos recém-chegados sente-se constrangido, afastase do alemão, ou procura desferrar-se na primeira oportunidade. Muitos dos brasileiros, que moram perto de colonos alemães, procuram vender suas terras para se mudarem para outros distritos, ainda não atingidos pela colonização alemã. Eu, de minha parte, que agora entendo bem o português e que até já sou cidadão naturalizado, dou-me muito bem com eles e não me lembro de um único exemplo de que fosse tratado com descortesia ou atrevimento. Sempre que me encontro com eles, tratam-me

com educação e cordialidade”.

E Ostermann conclui sua carta, falando dos direitos civis de brasileiros e alemães, a partir de meados do século XVIII. “... Brasileiros e alemães têm o mesmo direito perante a lei. O alemão, como o brasileiro, é inteiramente rei e dono do seu imóvel, sobre o qual, por enquanto, não paga imposto algum. O alemão, como o brasileiro, pode livremente pescar nos rios e na costa do mar, assim como caçar nos matos imensos e pode, livremente, exercer o seu ofício, sem constrangimentos nem pagamento de direitos.

Se um alemão não naturalizado quiser abrir uma casa de negócio, ou um hotel pode fazê-lo. Não sei dizer, porém, se pagará impostos por isso ou não. Acredito, entretanto, que não. Somente brasileiros naturalizados poderão carregar e despachar navios próprios. No fôro, poderá acontecer que a sentença seja mais favorável aos naturais do país que aos estrangeiros o que não é de admirar porque tais casos acontecem em todos os países (como conheço muitos exemplos na América do Norte) e até mesmo naqueles estados alemães que conquistaram fama de grandes justiceiros. (Deixo de referir-me a que país mais se comete injustiças, se na Europa ou no Brasil)”.

O último tópico da carta de Fernando Ostermann, aborda ainda os direitos políticos, quando menciona: “um colono alemão naturalizado tem os mesmos direitos políticos que o brasileiro nato; pode e deve participar das eleições, votar e ser votado, participar de júris, ser funcionário público até nos mais elevados postos. Tem, entretanto, que prestar

serviço militar quando for convocado pelos superiores. Funcionários estaduais estão isentos do serviço militar”.

Das palavras de Fernando Ostermann se pode deduzir, ter havido um entendimento, um tanto ou quanto truncado entre o elemento germânico, aqui chegado como imigrante colonizador e os nacionais, menos versados nessa atividade e, até certo ponto, um pouco indolentes. Contudo, uma das características do alemão é a maneira, aparentemente, rude e agressiva de tratar com outras pessoas, fato constatado por nós quando tivemos oportunidade de visitar a Alemanha.

Mas, buscando esclarecer os problemas do relacionamento entre brasileiros e alemães, encontramos na palestra de Richard O Dalbey, proferida na CONFERÊNCIA REGIONAL MIDEST da Sociedade de Educação Comparada e Internacional, realizada na Universidade de Purdue, West Lafayette, Indiana, nos Estados Unidos, em 18 de abril de 1970, estas referências a respeito do assunto: “... A história das relações raciais do Brasil não foi sempre harmoniosa. O problema racial, de acordo com o ponto de vista brasileiro, não é o de “preservar a pureza racial” mas o de vencer a resistência que um grupo, às vezes, oferece à absorção”.

Analisando-se mais atentamente as palavras de Dalbey e confrontando-se com as de Ostermann, é fácil concluirmos não ter sido a razão dos desentendimentos entre nacionais e imigrantes o problema de nacionalidade, mas, a resistência oferecida pelas duas etnias em mesclarem ou incorporarem seus usos e costumes, considerando-se cada uma das raças sentirem-se

superiores à outra. E a evidência desta dedução é tanto mais visível, quando, na sequência de seu trabalho, Richard O. Dalbey afirma:

"De todas essas correntes imigratórias principais, o elemento alemão constituiu uma fonte de perigo maior por ser um grupo de nacionalidade parcialmente não-assimilado. Esta assimilação incompleta dos alemães no padrão cultural do Novo Mundo, era caracterizada pelo uso exclusivo ou parcial da língua alemã no falar cotidiano e por um estado de afinidade cultural, política e sentimental à terra paterna, o que frequentemente antagonizava e deslocava sentimentos semelhantes para com o país de residência".

É a guisa de confirmação do enunciado por Dalbey, trazemos para este trabalho, as palavras do professor Egon Schaden, orador oficial da Sétima Sessão Extraordinária Solene da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, realizada em 5 de agosto de 1974, em comemoração ao Sesquicentário da Imigração Alemã no Sul do Brasil. Disse naquela oportunidade Schaden: "... Estava arraigada na personalidade de cada um a cultura de origem, língua, as crenças religiosas, os valores éticos, as atitudes mentais e emocionais, os critérios para migrar o que é certo e o errado, o que é belo e feio justo e injusto, tudo o que constitui a maneira de ser de um povo. E era com as armas dessa cultura que deviam resolver os problemas que enfrentavam. Muito do que haviam aprendido não lhes servia na pátria nova, tão diferente da terra natal".

Nos dias atuais, apesar do correr do tempo e das transformações sociológicas, havidas em função de certos acontecimentos his-

tóricos-nacionalistas, os descendentes de europeus, como nós, ainda guardam alguns usos e costumes. As imposições governamentais ou a própria miscigenação das pessoas, em face das seguidas descendências aparecidas desde os primeiros imigrantes, não conseguiram apagar de todo tais usos e costumes. E comum ouvir-se em boa parte de Blumenau designativos como: "papi" (pai ou papai), "mami" (mãe ou mamãe), "opa" (avô ou vovô), "oma" (avó ou vovó), "minha frau" (minha senhora, esposa ou mulher) e, ainda, denominações outras como: "Vorstadt" (um bairro de Blumenau); "Spitzkopf" (uma elevação muito conhecida e situada no bairro do Progresso); "Jaracumbá" (uma localidade do bairro da Escola Agrícola — parte da Rua Frei Estanislau Schetz), corruptela de ribeirão das jararacas (aglutinação das designações nacional "jararaca", mais a germânica "bach", sendo que o imigrante apresentasse dificuldade em assimilar corretamente o nome do ofício, denominando-o por "jaraca", acrescentava a preposição "com", cuja linguagem da época soava "cum" e no final, pois no idioma alemão a formação das palavras dá-se ao contrário, acrescentava "bach". Todavia, como o elemento nacional tinha dificuldade em falar corretamente os termos germânicos passou a pronunciar "Jaracumbá"); "bitruca", querendo referir-se a um aperitivo (de tanto o elemento nacional ouvir os alemães falarem "Betrinken", quando desejavam sorver alguma bebida, passou a incorporar aos seus usos a palavra germânica, na forma que melhor lhe soava ao pronunciá-la); "Chucrute", adaptação da desig-

nação germânica "Sauerkraut", além de outras mais que poderiam ser ainda enumeradas, porém, seria enfadonho mencionar-se todas e, mesmo porque, não é o objetivo deste trabalho.

Também no linguajar, a tentativa de mesclar as expressões procurando utilizar-se os dois idiomas gerou coisas assim: o germânico incorporou expressões nacionais ("die portera", "die late"), ou falando uma frase, intercalava vários termos nacionais, embora conversando em alemão. Pelo lado dos nacionais o pronome de tratamento "você", bem mais suave ao gosto dos latinos que são demasiadamente sensíveis a um tratamento mais áspero, quando no convívio com os imigrantes passou a ser usado indiscriminadamente como sendo "tu", que ao nosso modo interpretativo é mais grosseiro ou rude ao tratar-se alguém com tal pronome. Já para o germânico a forma normal de tratar com outras pessoas (Wann bist du fertig? — quando tu vais terminar?). Também a concordância verbal sofreu alguns arranhões e é comum ouvir-se, usando-se o exemplo anterior, quando tu vais acabar?". Tais miscigenações sempre operam danos nos idiomas, pois, é impossível traduzir-se numa língua para outra as palavras como estão escritas. Precisa-se sempre adaptar a forma de expressão dum idioma à maneira correta do outro. O português e o alemão, não fogem à regra geral.

Voltando a Dalbey, menciona o conferencista: "começando em 1824, eles se instalaram nas então regiões despovoadas dos Estados do Sul e deram início à formação dum padrão cultural dife-

rente que até hoje ainda dá um toque singular às cidades predominantemente "alemãs" de Blumenau e São Leopoldo, nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul". Em seguida, o conferencista americano justifica aquela formação germânica das cidades brasileiras dos dois Estados do extremo Sul do Brasil, ao afirmar:

"Sob o sistema brasileiro de imigração européia controlada, os alemães não só foram trazidos mais rapidamente do que poderiam ser absorvidos, mas também foram instalados em grandes colônias étnicas densas, em áreas longínquas e inabitáveis do interior do Sul do Brasil, onde o contato com brasileiros e grupos de outras nacionalidades ocorria somente num nível simbiótico e secundário. Esta concentração de alemães em "colônias" somente acentuou a tendência de se construir comunidades distintas em muitos aspectos das habitadas pela população lusa nativa.

Devido à negligência oficial do governo brasileiro em atender até mesmo aos pedidos mais modestos dos colonos, os alemães mantiveram-se à porta da vida intelectual nativa e com o tempo construíram suas pequenas "nações dentro de uma nação" que não tinham comunhão de interesse algum com o governo central na longínqua Rio de Janeiro. Desligados do país paterno, os alemães estabeleceram escolas a fim de preservar o melhor de suas características raciais e folclóricas.

Com uma evidente ajuda pecuniária da Alemanha, estas escolas particulares, sob instrutores alemães tornar-se-iam o marco cultural mais importante na pre-

servação do DEUTSCHTUM. De fato na mudança de século estas escolas tinham-se infiltrado nos Estados do Sul, que o governo brasileiro, asediado pelos seus próprios problemas orçamentários crônicos, encorajou as escolas alemãs a continuarem suas atividades na ausência de um sistema escolar nacional concreto”.

Complementando as palavras de Richard O. Dalbey, encontramos no pronunciamento do Professor Egon Schaden, esta afirmativa: “a começar pelas técnicas agrícolas, pelas plantas de cultivos, pelos hábitos alimentares, tiveram de substituir aos poucos os seus modos de trabalhar e de viver. Tanto mais se apegaram àqueles aspectos da cultura de origem que lhes davam uma base para a existência comunitária e o espírito da solidariedade indispensável à vitória sobre a pobreza e à própria sobrevivência.

Resistiam ao sacrifício de sua identidade étnica e tudo o que a simbolizasse era um valor sagrado. O principal desses símbolos não podia ser outro senão a língua materna. Surgiu, assim, o que às vezes se chamou de Pequena Alemanha encravada em nosso território, algo ofensivo aos brios de muitos brasileiros de velha estirpe, entre eles alguns jacobinos que tinham apenas uma idéia vaga do que eram as colônias do sul. Já o termo colônia sugeria aos mais timoratos, perigosas pretensões de conquista. Ora, bastam alguns rudimentos de sociologia, de antropologia e talvez história para se compreender a situação cultural que se criou nas áreas coloniais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Paraná e que deu origem a muitos atritos”.

Os atritos mencionados pelo

Professor Schaden tiveram como origem dois fatos básicos. Baseando-nos nas palavras de Dalbey, concluiremos ter sido a supremacia dos usos e costumes germânicos a causa da revolta dos nacionais, dando origem ao movimento nacionalista. No entanto, olhando-se pela forma de entender do Professor Schaden, a razão estava na não aceitação por parte dos brasileiros, de que elementos de outra nacionalidade viessem a imperar no campo comercial e industrial do Brasil, como estava acontecendo naquele período de colonização do Sul do País.

Vejamos a opinião de Richard O. Dalbey: “embora os alemães se considerassem, e às suas excelentes escolas, superiores aos anfitriões em KULTUR, as relações entre alemães e brasileiros eram cordiais, enquanto não havia sido o nacionalismo alemão acirrado em sua reação, pelo estímulo brasileiro de nacionalidade. No entanto, logo se tornou aparente que a colonização étnica tinha somente fornecido o desenvolvimento do nacionalismo estrangeiro dentro dos limites nacionais do país”.

Já a colocação do Professor Schaden, denota outro entendimento da causa dos atritos entre alemães e brasileiros. “A tradição brasileira é contrária ao pluralismo de culturas. Mas sempre aceitou a contribuição de outros povos. É deste ponto de vista que se há de julgar o papel dos imigrantes alemães e de seus descendentes. É de todos conhecido o que fizeram pelo progresso do Brasil. Seria fastidioso enumerar empresas agrícolas, industriais e comerciais por eles criadas ou descrever a obra de cientistas,

artistas, educadores e outras personalidades, que trabalharam pela cultura nacional.

Quero insistir em um aspecto apenas. Os territórios desbravados pelos colonos não representam nenhuma quebra da unidade cultural do Brasil; não são menos brasileiros do que, digamos, o Mato Grosso ou a Bahia. Unidade não quer dizer uniformidade, o que, aliás, seria inconcebível para um país da extensão territorial do nosso. A cultura do Brasil, manifesta a sua riqueza em múltiplas expressões regionais. E uma dessas expressões se nos depara nas áreas ocupadas pelos colonos alemães, que levam e hão de levar por muito tempo a marca das tradições trazidas e cultivadas pelos imigrantes.

Entretanto, os atritos raciais em Blumenau começaram a mostrar-se mais graves, quando o Município chegava próximo das comemorações de seu cinquentenário. Ao início de 1898 era intensa a campanha política para a Presidência da República. Em Santa Catarina o assunto tomou feições não muito agradáveis. “O Governador do Estado, deputados federais e os três deputados estaduais blumenauenses em oposição ao candidato Campos Salles, indicado pelo governo central, haviam recomendado abstenção de voto.

Em manifestação dos senhores Alwin Schrader, Richard Schaeffer e Frederico Specht, estes convidavam os eleitores para irem às urnas e votarem em Campos Salles. Na eleição havida, porém, compareceram pouco mais de 200 eleitores, dos quais alguns votaram em Júlio de Castilhos, enquanto que Cam-

pos Salles não chegou a obter 200 votos. Após a eleição houve polémica pelos jornais, com declarações dos senhores Schrader, Schaeffer, de Specht, revidando um artigo do Dr. Gustav L. G. Dodt”.

A partir do quarto trimestre de 1898, intensifica-se a campanha política pela eleição dos novos dirigentes municipais, cujo mandato dos atuais expirava em dezembro. Como remanescente da eleição para Presidente da República, cuja campanha dera-se no início desse ano, duas facções se polemizavam mutuamente, na cata de maior quantidade de votos. De um lado, o Dr. José Bonifácio da Cunha, criticava acerbamente a administração Stutzer a concluir o seu mandato. De outro Peter Christian Feddersen lançava a candidatura de Otto Stutzer à reeleição, mostrando as grandes realizações da atual administração municipal.

Apesar dos esforços de Feddersen, a popularidade do médico baiano José Bonifácio da Cunha, o conduziu à vitória. Então, os poucos dias faltantes para completar o ano de 1898, transcorreram tranquilos e sem maiores incidentes, tendo vencidos e vencedores reconciliado-se novamente e firmaram um compromisso de lutarem lado a lado pelo progresso de Blumenau.

Uma das primeiras ações do novo Superintendente, Dr. José Bonifácio da Cunha, foi destinar os seus proventos, como autoridade máxima do Município, às escolas públicas municipais, aumentando-lhes com isto as dotações a elas destinadas. Esta medida gerou um certo mal-estar entre os seus oponentes políticos. Além de ampliar as dotações ofi-

ciais às escolas públicas, criou outras leis favorecendo assuntos menos prioritários ao desenvolvimento municipal, aumentando o descontentamento de seus opositores passando estes a criticarem o seu governo, muito embora houvessem feito um pacto de concórdia política no final do ano anterior.

Contudo, a situação foi amenizada por dois acontecimentos bastante tristes: os falecimentos de Heinrich Grevsmühl e Jens Jensen; aquele ocorrido em 15 de março e este em 23 do mesmo mês. Grevsmühl fora um gran-

de expoente do comércio e indústria da cidade de Blumenau, tendo sido um dos fundadores da primeira indústria têxtil do Município, a tecelagem do Garcia (a ex-Empresa Industrial Garcia). Já Jens Jensen destacara-se como exportador de produtos oriundos da pecuária, como: manteiga, ovos, banha, linguiça e alguns produtos coloniais, sob a razão social de Jens Jensen, constituída como firma individual (posteriormente tomou o nome de Companhia Jensen, hoje extinta).

(Continua no próximo número)

Historiadora catarinense no Centro de Letras do Paraná

Em sessão realizada no dia 5 de novembro de 1991, pelo Centro de Letras do Paraná, foi aprovado o nome da historiadora e escritora catarinense, Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, para membro efetivo do quadro daquela instituição cultural paranaense. A cerimônia de posse dar-se-á neste próximo dia 17 de dezembro, às 17 horas, na sede da entidade, quando haverá também uma sessão magna comemorativa

do 79º aniversário de fundação do citado Centro.

Na oportunidade deste registro, queremos cumprimentar Maria do Carmo, nossa assidua colaboradora, pela honrosa investidura, enviando-lhe através deste o nosso afetuoso amplexo com os votos de muitas outras notáveis realizações, que têm sido o apanágio de sua brilhante carreira histórico-literária.

FELIZ NATAL!

Ao encerramento de mais um ano de atividades, durante o qual nunca nos faltou o apoio e o incentivo de nossos leitores e colaboradores, desejamos cumprimentar a todos, formulando os

melhores votos de um feliz Natal junto aos que lhes são queridos e um próspero e venturoso ano de 1992, o ano da esperança de melhores dias para todos.

ÍNDICE

A ingenuidade do educador — Lucila Rupp de Magalhães	02
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	04
O dualismo teuto-brasileiro na literatura — Prof ^o . Valburga Huber	07
Cartas — Uma contribuição para a história — José Gonçalves	12
Figura do Passado (Prof. Hermann Suessegger) — José Gonçalves	16
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	17
Cafundó — Hermes Justino Patrianova	19
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	20
Adenda à família Arzão — Antônio Roberto Nascimento	23
Aconteceu... (Novembro de 1990) — José Gonçalves	27
O morro do "SPITZKOPF" — Traduzido por Frederico Kilian ...	29
Um pouco da História de Apiúna — Miguel Deretti	31
Homenagem a um educador — Knut Ewald Koster Mueller	32
Círculo Trentino de Blumenau — Traduzido por Alfredo Scottini ..	34
O primeiro movimento socialista catarinense — Antônio R. Nascimento	35
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	41
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	43
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	47
Subsídios à Crônica de Blumenau — Frederico Kilian	48
Cartas — Maria do Carmo R. K. Goulart à Redação	50
TATUI — Hermes Justino Patrianova	51
Notas à História de Gaspar (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	52
Imposto de bebidas fabricadas no Brasil — Francisco da Cunha Silveira	59
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	60
Aconteceu... (Dezembro de 1990) — José Gonçalves	63
Figura do Passado (Raulino Reitz) — José Gonçalves	66
Os primeiros professores da Penha — Antônio Roberto Nascimento	68
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	70
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	71
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	72
ABAIARA x AINHATCMIRIM — Hermes Justino Patrianova ...	75
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	76
Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Relatório das atividades do Arquivo Histórico — Sueli M. Vanzuita Petry	79
Cartas — Uma contribuição para a história — Siegfried Carlos Wahle	83
Vinte e seis anos depois ... — Odilon Nogueira de Matos	85
Notas à História de Gaspar (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn ..	87
Aconteceu... (Janeiro de 1991) — José Gonçalves	94
RODOLFO THOMSEN — 90 anos bem vividos — Redação	98
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	101

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	102
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	107
Antigos moradores do Desterro — Antônio Roberto Nascimento	110
TOCANTINS — Hermes Justino Patrianova	118
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	119
Agradecimentos do chanceler Helmuth Kohl, da R. D. A., ao Prefeito Sasse	120
120 anos de imigração polonesa em Curitiba — Maria do Carmo R. K. Goulart	121
Imigração/Colonização — Extraído do “Der Urwaldsbote”	122
Aconteceu... (Marco de 1991) — José Gonçalves	124
A FUNDAÇÃO RECEBE POR DOAÇÃO, UM DOS MAIS BELOS E COMPLETOS ACERVOS PARA O FUTURO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM — Redação	127
Homenagem ao sábio Fritz Müller — Redação	128
Histórico da Igreja Matriz de São Francisco de Assis — Rodeio — SC — Extraído do jornal “Pomerode”	130
Prefeito retorna da Alemanha — Redação	131
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	132
Imigração/Colonização — Questão Racial e Política de Bonifácio Cunha — Extraído do “Der Urwaldsbote”	134
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	137
Relatório trimestral das atividades do Arquivo Histórico JFS — Sueli M. V. Petry	138
Um Luso-Brasileiro em Blumenau — Rui Moreira da Costa	140
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	144
Escritor viajante — Jácomo Mandatto	145
Lagoa de Acaguacu — Antônio Roberto Nascimento	147
Cartas — De Rui Moreira da Costa e Wagner Lopes de Mello à Redação	150
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn	151
Aconteceu... (Abril de 1991) — José Gonçalves	155
Um pouco de história da Comunidade Evangélica de Badenfurt — Traduzido de “Das Echo” por Edith Sophia Eimer	160
REMINISCÊNCIAS — FREI BRUNO (ofm) — José Gonçalves ..	162
Écos da visita do prefeito Sasse à Alemanha — Redação	164
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn	165
Figura do Presente (Prof. Joaquim Floriani) — Redação	169
Os Gonçalves Padilha, uma adenda — Antônio Roberto Nascimento	170
Imigração/Colonização — Questão Racial ou Questão Política? — Traduzido do “Der Urwaldsbote”	171
Reparos que tornam necessários nas pesquisas históricas do Pe. F. Bohn — João de Azeredo Coutinho	173
A Europa e a unificação da Alemanha (Palestra) — Prof. Dr. Hermann Gürgen	179
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	180

Obras históricas do Cônsul Pindaro Tasso Jathay doadas à Biblioteca e ao Arquivo Histórico — Redação	182
O Padre Bento Barbosa de Sá Freire — Antônio Roberto Nascimento	183
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	183
SENGES — Hermes Justino Patrianova	185
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	186
Centro Cultural 25 de Julho, há 37 Anos — Redação	187
"Glória sem Rumor" e outros em fase de encadernação — Redação	188
Aconteceu... (Maio de 1991) — José Gonçalves	189
Um Juiz de Blumenau — Antônio Roberto Nascimento	194
Alemanha — Portugal — Brasil — Adolfo Bernardo Schneider ..	197
Imigração/Colonização — Questão Racial ou Questão Política? — Extraído do "Der Urwaldsbote"	209
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	211
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn	214
Um pouco de História de Apiúna — Miguel Deretti	215
Doações de livros históricos ao Arquivo — Redação	216
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	217
O menor livro do mundo encontra-se em nosso Museu — Redação ..	218
Figura do Passado (Felipe Büdngens) — Frederico Guilherme Buendgens	219
Aconteceu... (Junho de 1991) — José Gonçalves	220
Fundação "Casa Dr. Blumenau" tem novo Conselho Curador — Redação	224
Figura do Passado (Freulein Baumgarten, a professora de piano) — Knut Evald Koster Mueller	226
Giovanni Rossi: Um anarquista italiano na região de Blumenau — Marcello Zane	227
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	234
Tipos excêntricos de Blumenau — José Deeke	237
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	239
Dados Históricos do Município de Presidente Getúlio — Engº. Sie- fried Ehrenberg	241
Reminiscências Históricas (Referentes à Família Zonta) — Atilio Zonta	248
ENÉAS ATHANÁZIO — De perto e de longe — (O cronista) — R. Leontino Filho	250
Aconteceu... (Julho de 1991) — José Gonçalves	252
Conselho Curador tem novo presidente e vice — Redação	254
Estevão Brocardo de Matos — Antônio Roberto Nascimento	255
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III — Continuação) — Pe. Antônio Francisco Bohn	255
Bodas de ouro do casal Heinrich — Mira Herwig — Redação	258
Imigração/Colonização — Urussanga prega a União das áreas imi- gratórias pela participação na vida pública — Extraído do "Der Urwaldsbote"	260
Carta à Redação — Ten Cel Pm Cmt do 10º. BPM Ademir Anton ..	262
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	263

REMINISCÊNCIAS — Um luso-brasileiro em Blumenau — Rui Moreira da Costa	265
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn	271
Universidade Pública — Culpada ou inocente? — Lúcia Rupp de Magalhães	273
Adenda à biografia de Sebastião Fernandes Camacho — Antônio Roberto Nascimento	275
“Folhas do Passado” — Sueli Petry	276
Um pouco da História de Apiúna — Miguel Deretti	281
Aconteceu... (Agosto de 1991) — José Gonçalves	282
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	288
REMINISCÊNCIAS — O antigo Hotel Pauli — José Gonçalves ..	290
Um passeio até Pouso Redondo — Extraído do “Der Urwaldsbote”	291
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	294
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	296
REMINISCÊNCIAS HISTÓRICAS — (Referente ao terceiro re- encontro dos ex-alunos do Colégio Salesiano de Ascurra) — Atilio Zonta	299
Romancistas “Alemães” catarinenses (1) — Prof ^a . Valburga Hu- ber — UFRJ	300
CAIACANGA — Hermes Justino Patrianova	304
Antigos Povoadores da Praia Brava — Antônio Roberto Nasci- mento	305
Línguas estrangeiras — Adolfo Bernardo Schneider	308
Influência do Imigrante italiano na colonização do Vale do Itajaí — Extraído do jornal “A Nação”	310
A hora mais solene e bonita do Dr. Hermann Blumenau — Emma Deeke	313
ECONOMIA NA HISTÓRIA — Extraído do “Der Urwaldsbote”..	315
Aconteceu... (Setembro de 1991) — José Gonçalves	318
Dr. Hermann Blumenau sua vida e obra	322
Ucranianos: Dupla Comemoração - Maria do Carmo Rêgo Goulart	334
Reminiscências Históricas - Atilio Zonta	337
Romancistas “Alemães” Catarinenses (2) - Prof ^a . Valburga Huber	338
100 anos da restauração da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil	342
“Blumenau em Cadernos” é destaque na revista da Sociedade Bra- sileira de Pesquisa Histórica - de Curitiba	346
Autores Catarinenses - Enéas Athanázio ..	347
Terenos - Hermes Justino Patrianova	350
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IV) - Pe. Antônio Francisco Bohn	351
Economia / Manteiga	354
Subsídios Históricos - Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff	358
Hermann Blumenau Filho, repudia acusações de Stutzer ao fun- dador	359
A família Rachadel em Santa Catarina	367
Reminiscências — mais um pouco do passado	373
Aconteceu - Outubro de 1991 ..	376
História, Fatos e Comentários - W. J. Wandall	380

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Pastor Frank Graf
Vice-Presidente — Aíga Barreto Müller Hering

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann — Friederich Ideker — Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfred Bubeck — Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saade — Hans Martin Meyer.

DIRETOR ADMINISTRATIVO — José Gonçalves

DIRETOR DE CULTURA — Ana Holzer

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA